

A Vara do Pastor



Os 144,000
UM CHAMADO À REFORMA

"E na sua boca não se achou astúcia porque eles estão
sem culpa diante do trono de Deus."

A Vara do Pastor, Volume 1 Edição de Bolso

Direitos autorais 1930, 1945 por VT Houteff. Todos os direitos reservados.

Para que todos os que têm sede da verdade possam obtê-la, este livreto é enviado gratuitamente pelo correio, como um serviço cristão. Solicite-o. Ele exige apenas uma coisa: a obrigação da alma para consigo mesma de provar todas as coisas e reter o que é bom. As únicas condições para esta oferta gratuita são os fios de ouro do Éden e o cordão carmesim do Calvário – os laços que unem.

A Vara do Pastor, Volume 1 Segunda Edição, por V.T. Houteff

Este “escriba”, instruído no Reino dos céus, “traz à luz coisas novas e antigas”. Mateus 13:52.

Agora santifiquem o Senhor Deus em seus corações e preparem-se para estar com o Cordeiro no Monte Sião.

A VARA DO PASTOR

O QUE É A VARA DO PASTOR?

O propósito principal de A Vara do Pastor é desvendar o mistério há muito oculto sobre o tema sempre desafiador e muito discutido dos 144.000 (Ap 14:1), com o objetivo central de promover no povo de Deus aquela “reforma completa” predita pelo Espírito de Profecia (Testemunhos, Vol. 8, p. 251).

Essas verdades, divinamente reveladas, são de suprema importância para a igreja neste momento, devido às circunstâncias difíceis e provações pelas quais o povo de Deus em breve passará. Sendo questões vitais para a salvação, elas exigem uma ação decisiva tanto dos ministros quanto dos leigos, para que se separem de toda mundanidade e se firmem na Rocha Sólida, obedecendo a toda a verdade conhecida pela igreja, se quiserem escapar da ruína vindoura que atingirá todo pecador.

Sua principal preocupação doutrinária é a verdade sobre os 144.000 e a correta compreensão de que se trata de uma questão de vida ou morte para todos. A Vara a desdobra sob diversas perspectivas, cada uma delas exorta a Denominação a se preparar para a gloriosa libertação dos santos e contra a inglória destruição dos pecadores, conforme prenunciado pela marcação e morte registradas em Ezequiel 9.

Nenhuma nova denominação é defendida; pelo contrário, tal conceito é veementemente combatido. E, finalmente, são apresentadas provas irrefutáveis de que a denominação Adventista do Sétimo Dia tem sido o instrumento de Deus desde 1844 para levar adiante Sua obra na Terra, e que a Vara acrescenta “poder e força” “à terceira mensagem”. — Primeiros Escritos, p. 277.

A Vara do Pastor, que pretende ser o antítipo do primeiro êxodo, recebe seu nome da vara de Moisés, o instrumento pelo qual o Senhor manifestou Seu poder na libertação dos filhos de Israel. A Vara do Pastor, a única vara que já falou, é predita e recomendada em Miquéias 6:9: “Ouvi a vara e Aquele que a designou.”

(Esta é a primeira edição revisada da *Vara do Pastor*, Vol. 1, originalmente publicado em 1930. Para torná-lo um prático livro de bolso, os pontos abordados em outros números desta série de publicações foram omitidos e o conteúdo foi condensado.)

Em obediência ao mandamento do Senhor, devemos agora ouvir com ouvidos abertos a mensagem da Vara sobre

O SELAMENTO DAS PRIMÍCIAS — OS 144.000

“E vi outro anjo subir do oriente, tendo o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, aos quais fora dado o poder de danificar a terra e o mar.”

“Dizendo: Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que tenhamos selado os servos de nosso Deus em suas frentes.”

“E ouvi o número dos que foram selados: cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel.” Apocalipse 7:2-4.

O mistério que envolve o selamento dos 144.000 provavelmente se compara a qualquer outro tema bíblico controverso. Teorias se acumularam, apenas para mistificar e confundir ainda mais a verdade. Nenhuma denominação cristã parece ter escapado da controvérsia que, ao gerar muitas visões divergentes, apenas aumentou a divisão no protestantismo.

Isso tem sido extremamente lamentável, e muito mais entre nós, adventistas do sétimo dia, pois há muito tempo a mensageira do Senhor nos admoestou a “nos esforçarmos com todo o poder que Deus nos deu para estarmos entre os 144.000” (The Review and Herald, 9 de março de 1905), e então graciosamente colocou em nossas mãos o conhecimento necessário para o tempo presente sobre quando e onde, por que e o que é o selamento.

“Este selamento dos servos de Deus”, revelou o Senhor, “é o mesmo que foi mostrado a Ezequiel em visão.” — Testemunhos para Ministros, p. 445. (Leia Ezequiel 9).

E, ampliando o assunto, a mensageira escreveu: “Especialmente na obra final da igreja, no tempo do selamento dos cento e quarenta e quatro mil que comparecerão irrepreensíveis diante do trono de Deus, eles sentirão mais profundamente os erros do povo professo de Deus.” — Testemunhos, vol. 3, p. 266.

Assim, a marcação ocorre na igreja por causa das “abominações” praticadas em seu meio. Portanto, a remoção daqueles que fomentam as abominações é obra final da igreja, não a do mundo. -SRP 8.3

Com esse conhecimento fundamental em mãos, a igreja deveria ter prosseguido de maneira iluminada com o progresso da Verdade e, no tempo determinado, ter sido capaz de desvendar o mistério. Mas, por não obedecer à voz do Senhor e, portanto, não andar na Luz e não avançar de conhecimento em conhecimento, ela se perdeu e, conseqüentemente, tem vagado por anos no deserto das teorias, por assim dizer. -SRP 8.4

E enquanto ela estava confusa sobre o assunto, o Espírito da Verdade declarou que o silêncio sobre ele seria, então, “eloquência”. Mas eloquência por quanto tempo? Para sempre? — Obviamente não, mas somente até que o próprio Senhor desenrole o pergaminho, o

selamento comece e o assunto se torne verdade presente. Então o silêncio não poderia mais ser eloquência; na verdade, nem mesmo possível — não se algum dia houver 144.000 pessoas seladas e preparadas para estar com o Cordeiro no Monte Sião (Apocalipse 14:1).

Um conhecimento profundo do assunto deve ser necessariamente tão importante quanto um conhecimento abrangente de Daniel 7, Apocalipse 13 e 17, as mensagens dos três anjos em Apocalipse 14, ou qualquer outro mistério ou profecia bíblica revelada. E como alguém pode escapar da matança sem saber o que é o selamento, a marcação, quando ocorrerá e onde será?

Assim, enquanto por um lado se vê a absoluta necessidade e, portanto, a certeza absoluta de que a Inspiração revelará plenamente o assunto no momento da obra final para a igreja, por outro lado se vê a consequente impossibilidade absoluta de alguém descobrir toda a verdade antecipadamente.

Qualquer pensador sabe que revelar a verdade antes do tempo a teria tornado vã, inútil e ineficaz, assim como revelar a verdade sobre a imagem da besta anos antes ou um minuto depois de ela realizar sua obra enganosa. Mas, na hora predestinada, o momento em que a Inspiração desvenda o mistério, todos podem contemplar a verdade e dela se beneficiar. Felizmente, podemos então nos esforçar inteligentemente para estar entre essa companhia irrepreensível e sermos selados com ela, se buscarmos com sinceridade e firmeza conhecer a verdade a tempo.

“Quando”, alguém pergunta, “começará essa obra final para a igreja?” — Obviamente, ela já está em andamento. A luz está sendo derramada sobre o assunto, dissipando as trevas que o envolviam há muito tempo. Tendo, conseqüentemente, se tornado verdade presente para iluminar o caminho pelo qual os 144.000 devem “seguir o Cordeiro por onde quer que Ele vá” (Ap 14:4), ela deve ser proclamada aos quatro ventos.

Em 1844, como todos os adventistas do sétimo dia sabem, a irmã White teve uma visão dos 144.000, sinalizando o início da ascensão do anjo selador vindo do Leste (Apocalipse 7:2-4). A partir de então, ele ascendeu, e os santos aguardavam sua chegada. Finalmente, em 1929, por meio das Lições da Escola Sabatina, o Senhor anunciou em toda a denominação adventista do sétimo dia que o anjo havia chegado. Então, o pergaminho começou a se desenrolar e a presença do anjo passou a ser sentida por muitos daqueles que ansiavam pela verdade e justiça.

“Mas como podemos ter certeza”, questiona outro, “de que esta e outras publicações relacionadas são o fruto genuíno do desenrolar do pergaminho e da chegada do anjo selador?” — Simplesmente se o requerente aqui em julgamento for vindicado por todas as Escrituras relevantes e outros testemunhos inspirados. E se for, então a única conclusão admissível é que a hora divinamente designada e há muito esperada chegou, e que esta literatura é o instrumento usado pela Inspiração para tornar o evento conhecido ao povo de Deus.

Visto que, como vimos anteriormente pelo Espírito de Profecia, o selamento e a matança ocorrem na igreja durante a obra final para ela, eles não poderiam ser anteriores ao tempo presente. E a própria profecia mostra que o selamento deve começar em um momento em que a vida espiritual da igreja está em seu ponto mais baixo, quando ela está contaminada pelo pecado — em “excessiva... iniquidade” (Ezequiel 9:9). Pois é a sua condição impura que leva um Deus Santo a realizar em seu meio a obra de marcar, selar os santos e eliminar os pecadores dentre eles.

Como ela chegou a esse estado? — a serva do Senhor responde tristemente:

“O Senhor não nos fechou o Céu, mas o nosso próprio caminho de contínuo afastamento de Deus nos separou dEle. O orgulho, a cobiça e o amor ao mundo têm habitado em nossos corações sem temor de serem expulsos ou condenados. Pecados graves e presunçosos têm se alastrado entre nós. E, no entanto, a opinião geral é que a igreja está florescendo e que a paz e a prosperidade espiritual estão presentes em todas as suas fronteiras.

“A igreja deixou de seguir a Cristo, seu Líder, e está recuando firmemente em direção ao Egito. Contudo, poucos se alarmam ou se surpreendem com a sua falta de poder espiritual. Dúvida e até mesmo descrença nos testemunhos do Espírito de Deus estão contaminando nossas igrejas em todos os lugares.” — Testemunhos, Vol. 5, p. 217.

“Nós nos afastamos dos antigos marcos. Voltemos a eles. Se o Senhor é Deus, sirvam-No; se Baal, sirvam-no. De que lado você estará?” — Testemunhos, vol. 5, p. 137.

“Ao observar o estado de Seus seguidores declarados hoje, Jesus vê ingratidão vil, formalismo vazio, hipocrisia insincera, orgulho farisaico e apostasia.” — Testemunhos, Vol. 5, p. 72.

“Quem pode dizer sinceramente: ‘Nosso ouro foi provado no fogo; nossas vestes estão imaculadas pelo mundo’? Vi nosso Instrutor apontando para as vestes da chamada justiça. Despojando-as, Ele expôs a impureza que estava por baixo. Então Ele me disse: ‘Você não vê como eles, pretensiosamente, encobriram sua impureza e corrupção de caráter? Como a cidade fiel se tornou uma prostituta? A casa de meu Pai se tornou uma casa de comércio, um lugar de onde a presença e a glória divinas se foram. Por isso há fraqueza e falta força.’” — Testemunhos, vol. 8, p. 250.

“Chegou a hora de empreendermos esforços sérios e poderosos para livrar a igreja da lama e da imundície que estão manchando sua pureza.” — Testemunhos para Ministros, p. 450.

Assim, com humilhante certeza, somos levados a ver e a reconhecer que a condição da igreja “é deplorável aos olhos de Deus”. — Testemunhos, vol. 3, p. 253.

E é um fato lamentavelmente admitido por todos os informados e honestos da Denominação que, embora ela venha declinando espiritualmente há anos, nunca havia atingido o nível atual, no qual quase não conserva nenhuma de sua antiga distinção perante o mundo.

“A morte espiritual”, lamenta a Voz da Inspiração, “atingiu o povo que deveria manifestar vida e zelo, pureza e consagração, pela mais sincera devoção à causa da verdade. Os fatos referentes à real condição do povo professo de Deus falam mais alto do que sua profissão, e tornam evidente que algum poder cortou o cabo que os ancorava à Rocha Eterna, e que eles estão à deriva no mar, sem mapa nem bússola.” — Cristo Nossa Justiça, p. 36 (edição de 1941).

“Homens e mulheres estão nas últimas horas da graça, e ainda assim são descuidados e estúpidos, e os ministros não têm poder para despertá-los; eles próprios estão adormecidos. Pregadores adormecidos pregando para um povo adormecido” — Testemunhos, Vol. 2, p. 337.

De fato, “está ganhando terreno no mundo a convicção de que os adventistas do sétimo dia estão dando um som incerto à trombeta, que estão seguindo o caminho dos mundanos”. — Testemunhos para Ministros, p. 86.

Por todas essas e outras razões, algumas das quais desconhecemos, um Deus puro e Santo está “afiando a sua espada no Céu para cortar” aqueles que não suspiram e choram. “Oxalá todo

professo morno pudesse perceber a obra de purificação que Deus está prestes a realizar entre o Seu povo professo!” — Testemunhos, Vol. 1, p. 190.

“Prestem atenção neste ponto: aqueles que recebem a marca pura da verdade, operada neles pelo poder do Espírito Santo, representada por uma marca do homem vestido de linho, são aqueles que suspiram e clamam por todas as abominações que são cometidas na igreja.” — Testemunhos, vol. 3, p. 267.

“O selo de Deus será colocado na testa somente daqueles que suspirarem e clamarem pelas abominações cometidas na terra.” — Testemunhos, Vol. 5, p. 212.

Necessariamente, “enquanto o juízo investigativo avança no Céu, enquanto os pecados dos crentes penitentes são removidos do santuário, haverá uma obra especial de purificação, de remoção do pecado, entre o povo de Deus na Terra.” — O Grande Conflito, p. 425.

Agora que esta obra especial está em andamento, não há mais dúvida de que “os dias da purificação da igreja estão se aproximando rapidamente. Deus terá um povo puro e verdadeiro. No grande peneiramento que em breve ocorrerá, seremos mais capazes de avaliar a força de Israel. Os sinais revelam que o tempo está próximo em que o Senhor manifestará que o Seu leque está em Sua mão e purificará completamente a Sua eira.” — Testemunhos, vol. 5, p. 80.

Em outra visão memorável desta mesma obra crucial, a Irmã White “viu anjos apressando-se de um lado para o outro no céu, descendo à terra e subindo novamente ao céu, preparando-se para a realização de algum evento importante.”

“Então eu vi outro anjo poderoso”, ela continua, “encarregado de descer à Terra, unir sua voz à do terceiro anjo e dar poder e força à sua mensagem. Grande poder e glória foram concedidos ao anjo, e, à medida que ele descia, a Terra era iluminada por sua glória... Esta mensagem parecia ser um acréscimo à terceira mensagem...”. — Primeiros Escritos, p. 277.

E “somente aqueles”, afirma o Espírito da Verdade, “que resistiram à tentação na força do Todo-Poderoso terão permissão para participar da proclamação [da Mensagem do Terceiro Anjo] quando ela se transformar em um alto clamor”. — The Review and Herald, 19 de novembro de 1908.

“A grande questão que se aproxima eliminará aqueles que Deus não designou, e Ele terá um ministério puro, verdadeiro e santificado preparado para a chuva serôdia.” — B-55-1886.

Por que os pecadores são retirados dentre os justos antes que a terra seja iluminada com a glória do anjo? — Porque “um pecador pode espalhar trevas que excluem a luz de Deus de toda a congregação”. — Testemunhos, vol. 3, p. 265.

A clara sequência de fatos aqui apresentada demonstra conclusivamente que estamos agora na “obra final da igreja, no tempo do selamento dos cento e quarenta e quatro mil”; que o selamento, a marcação, o peneiramento, a sacudidura, a “obra especial”, o “evento importante”, a “obra final” e a “purificação” resultam igualmente na destruição dos não selados e na purificação dos selados. Sim, esta é a preparação para o tempo de angústia, o Alto Clamor, a obra final do mundo.

Obviamente, então, a mensagem final para o mundo é proclamada somente pelos fiéis, e o povo de Deus durante as pragas está a salvo, sem nenhum infiel entre eles.

Assim, o tema dos 144.000, com seus assuntos inter-relacionados vindo à tona de forma clara e harmoniosa, mostra que o chamado da hora undécima aos trabalhadores na vinha do Senhor está em andamento, e que agora é o momento de “nos esforçarmos com todo o poder que Deus nos deu para estarmos entre os 144.000”. — The Review and Herald, 9 de março de 1905.

E agora, essa identificação dos 144.000 fez com que a identidade da grande multidão (Ap 7:9) se tornasse uma questão quase tão controversa. Portanto, a responsabilidade assumida nesta série de identificar os primeiros frutos, ou seja, as primícias, impõe uma responsabilidade proporcional de identificar —

OS SEGUNDOS FRUTOS — A GRANDE MULTIDÃO.

“Depois disso olhei, e eis que uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, estava em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos com vestes brancas e com palmas nas mãos.” Apocalipse 7:9.

Ao conduzir à identificação dessa grande multidão, a Inspiração forneceu diversas pistas, uma das quais é uma classificação dos redimidos de todas as épocas, desde o martírio de Abel até o fim da graça.

Grupo 1: “Mais perto do trono estão aqueles que outrora foram zelosos na causa de Satanás, mas que, arrancados como tições do fogo, seguiram seu Salvador com profunda e intensa devoção.

Grupo 2: “Em seguida, vêm aqueles que aperfeiçoaram o caráter cristão em meio à falsidade e à infidelidade, aqueles que honraram a lei de Deus quando o cristão a declarou nula”.

Grupo 3: “E os milhões, de todas as idades, que foram martirizados por sua fé.

Grupo 4: “E além está a ‘grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, ... diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos com vestes brancas e com palmas nas mãos’”. — O Grande Conflito, p. 665.

Aqui surge uma questão crucial que exige resposta: visto que nos é claramente demonstrado que a “grande multidão” (grupo 4) é um grupo distinto dos escolhidos (grupo 1), dos vencedores da falsidade e da infidelidade (grupo 2) e dos mártires de todos os tempos (grupo 3), como pode a “grande multidão” ser composta pelos santos de todas as épocas, por todos os redimidos? — Obviamente, não pode.

Consequentemente, se não pertencem ao grupo 1, 2 ou 3, então quem podem ser senão os santos vivos? E, visto que não são os 144.000, as primícias dos vivos, devem, portanto, ser os segundos frutos. De fato, deve haver segundos frutos, pois o termo “primícias” evoca segundos frutos tanto quanto o termo “primeira ressurreição” (Ap 20:6) evoca uma segunda ressurreição, e tanto quanto a expressão “segunda morte” (Ap 20:14) evoca uma primeira morte.

Contudo, outra questão intrigante ainda exige resposta: se a pergunta de Cristo, “Quando o Filho do Homem vier, encontrará fé na terra?” (Lucas 18:8), e também a Sua declaração, “Não temais, pequeno rebanho” (Lucas 12:32), significam que poucos serão salvos e encontrados vivos quando Ele vier buscar os Seus, então como pode haver uma multidão inumerável? — Embora à primeira vista a questão apresente um paradoxo, ele é rapidamente resolvido, e a

ideia de que apenas alguns santos vivos O encontrarão nos “ares” é efetivamente dissipada quando se leva em conta os fatos de que “a colheita é verdadeiramente grande” (Mateus 9:37), que é “o fim do mundo” (Mateus 13:39) e que o próprio termo “colheita” denota uma reunião maior do que em qualquer “época” anterior.

Além disso, a pergunta “Encontrará Ele fé na terra?” não questiona o número de santos nesta vinda específica, mas sim a fé em si, independentemente do número. E se, ao aparecer nas nuvens para levar os fiéis para casa, Ele não encontrar fé na terra, o que dizer então da Sua igreja que espera, que deve ser sem mácula, ruga ou qualquer outra imperfeição, seja ela pequena ou grande?

Obviamente, a Sua vinda registrada em Lucas 18:8 não pode ser a de 1 Tessalonicenses 4:17, a Sua vinda “nas nuvens”. Mas poderia ser a de Malaquias 3:2, 3 e Mateus 13:30, 47-48, que leva a Mateus 25:31-33. A Sua vinda ao Seu templo separará os pecadores dos santos, e no início dessa vinda, a Inspiração pergunta: “Quem poderá permanecer no dia da Sua vinda?”

E agora, nas próprias palavras do profeta, vem a evidência geral da reunião de uma grande multidão de santos vivos durante o “tempo da colheita”:

“E eles [os 144.000 que escaparem da matança ou permanecerem firmes naquele dia (Isaías 66:16), na separação do joio do trigo (Mateus 13:30, 41), na colheita das primícias (Apocalipse 14:4), os “servos” de Deus (Apocalipse 7:3)] trarão todos os seus irmãos, de todas as nações, para oferta ao Senhor, em cavalos, em carros, em liteiras, em mulas e em animais velozes, ao meu santo monte Jerusalém, diz o Senhor, assim como os filhos de Israel trazem uma oferta em um vaso limpo à casa do Senhor.” Isaías 66:20.

“Então o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro foram despedaçados juntamente e se tornaram como a palha das eiras no verão; e o vento os levou, e não se achou lugar para eles; e a pedra que feriu a estátua tornou-se um grande monte, e encheu toda a terra.” Daniel 2:35.

“E acontecerá nos últimos dias que o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes, e se elevará acima das colinas; e todas as nações afluirão a ele. E muitos povos virão e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó.” Isaías 2:2, 3.

Mantendo essas previsões correlativas constantemente em vista, somente os cegos não conseguem perceber que a ideia de que apenas alguns serão salvos é verdadeira apenas em relação ao número de salvos durante qualquer período antes da colheita em que a mensagem é transmitida; não, porém, em relação ao número de salvos durante o próprio período da “colheita”.

A grande multidão, os segundos frutos dos santos vivos, além disso, também se encontram projetados em certa demonstração no tipo:

(1) “Moisés no monte da transfiguração foi testemunha da vitória de Cristo sobre o pecado e a morte. Ele representou aqueles que sairão da sepultura na ressurreição dos justos.” — O Desejado de Todas as Nações, p. 421.

(2) “E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam ressuscitaram, e saíram dos sepulcros, depois da ressurreição dEle, e entraram na cidade santa, e apareceram a muitos.” Mt 27:52, 53. (Ver Primeiros Escritos, p. 184, e O Desejado de Todas as Nações, p. 786.)

(3) “Elias, que fora trasladado para o céu sem ver a morte, representava aqueles que viverão na terra na segunda vinda de Cristo e que serão transformados num instante, num abrir e fechar de olhos, ao soar da última trombeta...” — O Desejado de Todas as Nações, p. 421.

(4) “Assim como Enoque foi trasladado para o céu antes da destruição do mundo pela água, assim também os justos vivos serão trasladados da terra antes de sua destruição pelo fogo.” — Patriarcas e Profetas, p. 89.

Nessas passagens, são apresentados quatro tipos, convocando duas companhias de santos ressuscitados e duas companhias de santos trasladados.

Visto que existem dois tipos para os vivos, e como o próprio Enoque não era descendente de Jacó, ele não pode logicamente representar os descendentes de Jacó, os 144.000. De fato, o nome Jacó, ou o título “israelita”, surgiu muitos séculos depois da translação de Enoque. Consequentemente, Elias, ele próprio um israelita, representa logicamente os 144.000, e Enoque representa logicamente a grande multidão, que é de “todas as nações, tribos, povos e línguas” (Apocalipse 7:9), porque da sua geração descendem todas as nações.

E o chamado final do seu Mestre, então, aparecem em bela simetria os troféus do evangelho — duas hostes de ressuscitados com seus tipos, e duas hostes de trasladados com seus tipos.

Oh, que visão indizivelmente maravilhosa e impressionante — as gloriosas hostes dos redimidos varrendo os portais da glória e marchando pela rua pavimentada em ouro do Paraíso, ao som de hinos celestiais que ouvidos mortais jamais ouviram —

DESFILÉ DOS DESFILES! VEJAM-NO PASSAR:

Primeiro, os milhões de anjos acompanhantes que ministraram aos redimidos em todas as épocas.

Em segundo lugar, Moisés, o primeiro escritor inspirado, general e líder incomparável entre os homens, vestido de branco e coroado com uma brilhante coroa de ouro, liderando a vanguarda dos ressuscitados, eles próprios trajando vestes brancas e coroas de ouro.

Terceiro, Abel, o primeiro entre os mártires, liderando a hoste dos mártires dos séculos, todos vestidos com gloriosas vestes brancas com bordas vermelhas.

Em quarto lugar, Enoque, com a cabeça adornada por uma deslumbrante grinalda branca, encimada por uma linda coroa mais brilhante que o sol, e sobre o braço uma palma gloriosa; e seguindo-o uma grande multidão, todos vestidos com vestes brancas puras, com palmas nas mãos e coroas de ouro sobre a cabeça.

Quinto, Elias, o fiel, revestido de um glorioso manto branco dos ombros aos pés, liderando os 144.000, um sacerdócio real, todos como ele, trajados com gloriosos mantos brancos.

Sexto, os Adãos, os “filhos de Deus”, dos mundos do universo de Deus, com o pai Adão na cabeça.

Sétimo, Jesus, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, a Majestade de toda a criação, o primeiro e o último, e com Ele dez mil vezes dez mil e milhares de anjos.

Por toda a infinita extensão da eternidade, jamais o céu contemplou e jamais contemplará algo semelhante — uma procissão suprema!

Irmão, irmã, cabe a nós escolher entre as vestes dos salvos ou as vestes dos perdidos; entre caminhar com os redimidos em branco ou deitar-se com os condenados em preto.

Se for esta última opção — Deus nos livre que seja — então o preço terrível será, não apenas a primeira morte, mas também a segunda, da qual não há escapatória.

Sim, qual será a sua escolha: lamentos estridentes no lago de fogo inextinguível ou cânticos arrebatadores na fonte de alegria inextinguível? Agora, na última hora, você terá que escolher entre a companhia de

ESAÚ OU JACÓ — QUAL?

“E Isaque suplicou ao Senhor por sua mulher, porque ela era estéril; e o Senhor se deixou influenciar por ele, e Rebeca, sua mulher, concebeu.”

“E os filhos lutavam dentro dela; e ela disse: Se é assim, por que estou eu assim? E foi consultar o Senhor.”

“E o Senhor lhe disse: Duas nações estão no teu ventre, e dois povos se separarão das tuas entranhas; um povo será mais forte do que o outro; e o mais velho servirá ao mais novo.”

“E, cumprindo-se os dias para dar à luz, eis que havia gêmeos em seu ventre. O primeiro a nascer foi ruivo, todo coberto de pelos como uma veste; e chamaram-lhe o nome de Esaú. Depois saiu seu irmão, e agarrou o calcanhar de Esaú com a mão; e chamaram-lhe o nome de Jacó.” Gênesis 25:21-26.

No nascimento sobrenatural e nas vidas de Esaú e Jacó, há um desígnio e uma tipologia Divinos inconfundíveis. A estranha anomalia da experiência dessa família obviamente dramatizou em miniatura uma experiência pela qual a igreja de Deus um dia passaria. A própria Rebeca tomou plena consciência desse fato quando “o Senhor lhe disse: Duas nações estão no teu ventre, e dois povos se separarão das tuas entranhas; um povo será mais forte do que o outro, e o mais velho servirá ao mais novo.” Gênesis 25:23.

Qual é a tipologia neste drama de vida pulsante? — Basicamente, aquela que se destaca na interpretação de Paulo sobre o drama igualmente intenso de Agar e Ismael, Sara e Isaque. A inspiração revela que o primeiro par representa a Igreja do Antigo Testamento e seus membros, os judeus; e que o segundo par representa a Igreja do Novo Testamento e seus membros, os cristãos (Gálatas 4:22-31).

De maneira semelhante, embora em outra fase, Rebeca também representa a igreja, enquanto Esaú e Jacó representam seus descendentes, os leigos. E visto que os dois lutavam dentro da mãe antes de nascerem (serem libertados), a lição importante é que, enquanto a igreja está em trabalho de parto com seus filhos pouco antes de serem libertados, pouco antes de receberem o segundo nascimento (João 3:3) e serem conduzidos ao reino, eles devem lutar internamente. Assim, o fato de Rebeca gerar dois filhos torna conhecido que a igreja carrega em seu ventre duas classes de pessoas — Esaús e Jacós.

“Existem duas influências opostas”, afirma Inspiração, “exercidas continuamente sobre os membros da igreja. Uma influência trabalha para a purificação da igreja, e a outra para a corrupção do povo de Deus.” — Testemunhos para Ministros, p. 46.

A maneira como Esaú e Jacó nasceram — Jacó seguindo Esaú agarrado ao seu calcanhar — tem um significado muito óbvio: a liderança de Esaú o torna um tipo de líder que possui o mesmo caráter, e o fato de Jacó segui-lo o torna um tipo de seguidor que também possui o mesmo caráter. Essa analogia também indica, infalivelmente, que um representa uma classe que precede a outra na comunhão da igreja. De modo geral, portanto, juntos representam candidatos a um ministério sucessor e ao laicato, respectivamente.

Há também um significado típico no fato adicional de Esaú ter nascido peludo e Jacó liso. Essa notável diferença externa obviamente implica algum tipo de identificação visual marcante entre as duas classes tipificadas.

Deus ordenou ao homem que liderasse e à mulher que seguisse, e, como tal, criou o homem peludo e a mulher lisa. Essas marcas divinas de distinção revelam que Esaú e a classe que ele representa possuem a aptidão natural para a liderança, enquanto Jacó e a classe que ele representa não a possuem. Além disso, sendo o primogênito, Esaú, por direito de primogenitura, deveria ser o sacerdote da família. Por meio dele viriam os progenitores das doze tribos, os profetas, os príncipes e os reis de Israel, até mesmo o próprio Rei dos reis, o Salvador do mundo.

Mas os desejos, ambições e objetivos de Esaú e Jacó contrariavam suas posições herdadas. Esaú não tinha interesse especial na parte da obra que lhe cabia por direito de primogenitura, enquanto Jacó a cobiçava. Impedido, porém, pela lei da herança de possuir a parte de Esaú, Jacó, em seu anseio desmedido pelo direito de primogenitura, conseguiu comprá-la no momento oportuno. Então, para receber a bênção de seu pai, consentiu com a artimanha de sua mãe para obtê-la por meio de engano.

A lição trágica é dolorosamente evidente: a classe de Esaú, que se ocupa dos deveres de seu ofício com menos zelo do que a santidade deste exige, deixa-o escapar-lhes das mãos, caindo nas mãos ávidas da classe de Jacó, que verdadeiramente aprecia e valoriza suas obrigações, mas que, não sendo líderes natos, precisa adquirir as ferramentas para o sagrado ofício passando pelo treinamento disciplinar de alguma experiência que prova a alma, como prenunciado pelo treinamento de Jacó enquanto fugitivo de casa. Assim, em sua providência divina, expulsos da igreja por seus irmãos mais velhos, como Jacó foi expulso de casa por seu irmão mais velho, por causa de seu zelo no serviço a Deus, eles recebem o treinamento para a obra privilegiada que lhes será destinada.

Que bênção inestimável os primogênitos, o ministério atual, estão perdendo! A eles pertence o privilégio incomparável de estar no Monte Sião com o Cordeiro e de gerar os súditos do Reino dos últimos dias, inaugurando o próprio Reino, trazendo a segunda vinda de Cristo e, finalmente, conduzindo as hostes redimidas à Canaã celestial, aos reinos da glória sem rosto. Mas eles estão prestes a perder tudo isso – uma tragédia das tragédias!

Por causa de uma tentadora porção de lentilhas, eles deixaram escapar esse privilégio soberano! Infelizmente, eles estão permitindo que ele escape agora mesmo para a classe de Jacó, os fiéis leigos, os 144.000 futuros servos de Deus (Ap. 7:3; 5:10, *Testemunhos*, Vol. 5, pp. 475, 476).

“Assim como Esaú despertou para a insensatez de sua troca precipitada quando já era tarde demais para recuperar sua perda, assim será no dia de Deus com aqueles que trocaram sua herança celestial por gratificações egoístas.” — Patriarcas e Profetas, p. 182. (Leia também *Testemunhos*, Vol. 2, pp. 38, 39.)

“Irmãos”, suplicou o Espírito da Verdade aos primogênitos anos atrás, advertindo-os do perigo de perderem seu direito de primogenitura: “Se vocês continuarem tão ociosos, mundanos e egoístas como têm sido, Deus certamente os deixará de lado e escolherá aqueles que são menos preocupados consigo mesmos, menos ambiciosos por honras mundanas e que não hesitarão em ir, como fez seu Mestre, para fora do acampamento, carregando o opróbrio. A obra será dada àqueles que a aceitarem, àqueles que a valorizarem, que incorporarem seus princípios em sua experiência diária. Deus escolherá homens humildes, que buscam glorificar o Seu nome e promover a Sua causa, em vez de honrar e promover a si mesmos. Ele levantará homens que não têm tanta sabedoria mundana, mas que estão conectados a Ele e que buscarão força e conselho do Alto.” — *Testemunhos*, vol. 5, p. 461.

“O chamado para esta grande e solene obra foi apresentado a homens de saber e posição; se estes fossem pequenos aos seus próprios olhos e confiassem plenamente no Senhor, Ele os teria honrado carregando Seu estandarte em triunfo rumo à vitória...

“Deus realizará uma obra em nossos dias que poucos antecipam. Ele suscitará e exaltará entre nós aqueles que são ensinados mais pela unção do Seu Espírito do que pelo treinamento externo das instituições científicas.” — *Testemunhos*, Vol. 5, p. 82.

“Aqui [Ezequiel 9:5, 6] vemos que a igreja — o santuário do Senhor — foi a primeira a sentir o golpe da ira de Deus. Os homens anciãos, aqueles a quem Deus havia dado grande luz e que haviam se colocado como guardiões dos interesses espirituais do povo, traíram sua confiança. Eles adotaram a posição de que não precisamos esperar por milagres e pela manifestação marcante do poder de Deus como nos tempos antigos. Os tempos mudaram. Essas palavras fortalecem sua incredulidade, e eles dizem: O Senhor não fará o bem, nem o mal. Ele é misericordioso demais para visitar seu povo em julgamento. Assim, paz e segurança são o clamor de homens que nunca mais levantarão a voz como uma trombeta para mostrar ao povo de Deus suas transgressões e à casa de Jacó seus pecados. Esses cães mudos, que não querem latir, são os que sentem a justa vingança de um Deus ofendido. Homens, moças e criancinhas, todos perecem juntos.” — Testemunhos, Vol. 5, p. 211.

Agora, à medida que essa tipologia de múltiplas fases se volta para seu próximo aspecto, Esaú e Jacó são vistos em uma nova representação de duas classes pecadoras: Esaú, tanto pela cor de sua pele quanto pelo significado de seu nome após ter sido mudado de Esaú para Edom; Jacó, pelo significado de seu nome antes de ser mudado de Jacó para Israel.

Curiosamente, assim como a cor da pele de Esaú era vermelha, também o era o significado de seu novo nome, Edom. E como ele não soube apreciar e valorizar o dom paterno, jamais cumprindo o significado de seu nome de nascimento (“aquele que termina”), vê-se que seu novo nome, ao contrário do novo nome de Jacó, significa não progresso, mas sim a incapacidade de progredir, persistindo desenfreadamente em seus caminhos carnis — permanecendo em seu caráter inato, “vermelho”. Portanto, a classe de líderes que ele tipifica está fadada ao fracasso, jamais terminarão a obra designada por Deus e jamais serão transformados de pecadores em santos.

Não é assim, porém, com a classe de Jacó. Assim como o seu tipo, que diligentemente cuidava das ovelhas, zelava com esmero pelos seus negócios e triunfantemente vencia a sua natureza cobiçosa, teve o seu nome mudado de Jacó (suplantador) para Israel (e vencedor, e portanto um Príncipe), também eles, finalmente, triunfando sobre a sua própria natureza carnal, têm os seus nomes mudados de jacobitas para israelitas, de suplantadores para vencedores — de servos de si mesmos para servos de Deus, de cristãos comuns em Laodiceia para príncipes exaltados no Monte Sião. Assim, por direito próprio, os jacobitas antitípicos tornam-se israelitas antitípicos; pela aquisição do direito de primogenitura sacerdotal, tornam-se consumidores da obra do evangelho e, como servos de Deus, estão no Monte Sião com o Cordeiro. -

Assim, percebe-se que ambas as classes, assim como seus tipos, tiveram seus nomes alterados: a classe de Jacó, porque prezam, como Jacó, um direito de primogenitura imperecível; a classe de Esaú, porque desprezam, como Esaú, o direito de primogenitura imperecível e prezam a glória perecível desta vida. Uma possui um senso aguçado e correto dos valores da vida; a outra, um senso obtuso e incorreto.

E embora Jacó não possuísse as qualificações naturais para desempenhar as funções de seu cargo, essa falta foi mais do que compensada por seu zelo extraordinário. Portanto, independentemente de quanto talento natural e treinamento adquirido alguém possa ter para qualquer posição, jamais terá sucesso a menos que invista nela tudo o que possui — que se dedique de corpo e alma. Esta é uma das leis imutáveis da vida, e todos devem se lembrar de que ela rege a prosperidade em todos os campos de atuação, sejam crentes ou descrentes.

Visto que a perda de um é sempre o ganho de outro, assim como a perda de Esaú foi o ganho de Jacó, da mesma forma a perda terrível, irreparável e inestimável para a classe de Esaú será

um ganho glorioso e eterno para a classe de Jacó.

Consumido pelo remorso profundo ao perceber sua perda inestimável, Esaú “não encontrou lugar para arrependimento, embora o buscasse diligentemente com lágrimas” (Hebreus 12:17). Seu destino simboliza irrevogavelmente o que acontecerá a todos aqueles que, por suas obras, se colocam na mesma categoria que Esaú.

Na sequência desta tipologia extremamente instrutiva sobre o assunto, somos agora conduzidos à sua característica culminante:

O SONHO DE JACÓ.

Na primeira noite de sua fuga da fúria assassina de Esaú, Jacó, usando uma pedra como travesseiro, deitou-se para descansar:

“E ele sonhou, e eis que havia uma escada posta na terra, cujo topo chegava ao céu; e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela.” Gênesis 28:12.

O que significa o sonho? — Sendo mais uma faceta da mesma tipologia, deve necessariamente ser uma prefiguração de um evento notável que atingirá o povo de Deus, os jacobitas.

Visto que a escada, com uma extremidade na terra e a outra no céu, simboliza Cristo (*Patriarcas e Profetas*, p. 184), e visto que os anjos que sobem e descem a escada são Seus mensageiros (O Grande Conflito, p. 512), o conjunto significa que Cristo estabelecerá por Si mesmo uma comunicação segura e constante entre o céu e a terra.

“Naquele dia, eu ouvirei, diz o Senhor; ouvirei os céus, e eles ouvirão a terra.” Oséias 2:21.

O próximo passo na tipologia leva em consideração —

AS MÃES DOS DESCENDENTES DE JACÓ

Seguindo a trajetória cronológica dessa tipologia de múltiplas fases, acompanhamos agora, em pensamento, Jacó até Padã-Arã. Lá, ele tomou para si quatro esposas: Lia e Raquel, filhas de Labão; e Zilpa e Bila, suas respectivas servas. Essas quatro foram as mães dos doze filhos de Jacó, que, por sua vez, foram os pais das doze tribos de Israel.

Nessa progressão tipológica do Israel espiritual, apenas uma das quatro, Lia, era a esposa legítima de Jacó. Somente ela, portanto, pode simbolizar a verdadeira e legítima igreja — aquela que foi organizada em Jerusalém pelo reino das doze tribos e que finalmente evoluiu para a Igreja Cristã.

Raquel deve necessariamente representar uma igreja irmã — aquela organizada em Samaria pelo reino das dez tribos e dispersa com ele entre os gentios.

Zilpa e Bila, sendo “estrangeiras” e servas de Lia e Raquel, devem necessariamente representar igrejas subseqüentes de origem gentia.

Dessas quatro linhagens descendem os filhos antitípicos de Israel. E o que é verdade na genealogia física também deve ser verdade na genealogia espiritual. Portanto, embora as doze tribos antitípicas, assim como as típicas, descendam tanto de mães israelitas quanto gentias, elas são geradas por um mesmo pai — um israelita.

Dispersos por Deus entre as nações gentias, tanto Judá (o reino das duas tribos) quanto Israel (o reino das dez tribos) foram absorvidos por elas. Além disso, a Igreja Cristã, ela própria um desdobramento da Igreja Judaica (os discípulos e apóstolos de Cristo, assim como os primeiros convertidos da igreja, eram puramente judeus, lembre-se), abandonou seu título do Antigo Testamento de “judaica” ao adotar seu título do Novo Testamento de “cristã”. Então, gradualmente, perdeu sua essência judaica em meio à influência dos ramos gentios enxertados.

Agora que deixamos esta fase da tipologia, entramos na fase da

JORNADA DE JACÓ DE VOLTA PARA CASA.

Após vinte anos de serviço fiel em Padã-Arã, a serviço de Labão, seu tio, sob o regime abusivo e prepotente, Jacó finalmente voltou seu rosto e seus passos para casa, rumo à terra prometida, à casa de seu pai.

Mas o problema o alcançou. Enquanto lutava com seus temores quanto ao resultado de seu iminente encontro com Esaú, “um homem lutou com ele até o romper do dia”. Gênesis 32:24.

Ali ficou Jacó e se levantou Israel, exemplificando a experiência angustiante pela qual sua posteridade deve passar vitoriosamente antes de também receber um novo nome, passar de filhos de Jacó a filhos de Deus, tornar-se verdadeiramente israelitas. Tendo conquistado a vitória sobre essa provação, “o tempo da angústia de Jacó”, eles chegarão ao lar, a terra prometida — o final feliz de sua longa e atribulada jornada.

Neste tempo de provação e teste, o Espírito de Profecia comenta: “Um decreto foi promulgado para matar os santos, o que os fez clamar dia e noite por libertação. Este foi o tempo da angústia de Jacó” – Primeiros Escritos, pp. 36, 37. (Ver também Patriarcas e Profetas, pp. 202, 203).

Agora, com o fim da servidão de Jacó em Padã-Arã e seu retorno para casa, a tipologia continua com —

ISRAEL INDO PARA O EGITO

O fato de a Bíblia revelar suas tremendas verdades de diversas maneiras — em números, símbolos e figuras, parábolas e alegorias, sonhos e visões, tipos e providências — é ainda mais plenamente reconhecido na experiência singular da entrada do antigo Israel no Egito. Nela, todo estudioso da Bíblia percebe não mera coincidência, mas um desígnio proposital orquestrado pela mão onipotente da Providência. De fato, o próprio José, personagem principal desse grande drama, assim o afirma: “Deus me enviou adiante de vocês”, declara ele, “para preservar vidas” (Gênesis 45:5).

Reconhecendo isso, Paulo, inspirado pela Palavra, adverte que “todas essas coisas lhes aconteceram como exemplos” (1 Coríntios 10:11). Quão supremamente importante, então, é que exploremos, compreendamos e valorizemos completamente esses maravilhosos exemplos que Deus preparou para o nosso bem-estar!

Começando com a experiência de Jacó, vemos circunstâncias providenciais moldando sua vida desde o início, predispondo-o a amar José mais do que seus outros filhos (Gênesis 37:2-11) — a causa imediata do ciúme deles e do sequestro do rapaz. Assim, anos antes de sua partida de Canaã para o Egito, Deus, em Sua providência, enviou José, como ele mesmo reconheceu mais tarde, para preparar o caminho. Então, ao trazer os sete anos de fartura, seguidos pelos sete

anos de fome em toda a terra, o Todo-Poderoso moldou ainda mais as circunstâncias para levar toda a casa de Israel ao Egito. E lá foram eles posteriormente reduzidos à escravidão, o que lhes custou sofrimentos indizíveis e o assassinato de um grande número de seus filhos homens.

Desde a venda de José como escravo até o assassinato dos primogênitos no Egito — que triste sequência de vicissitudes! E elas foram escritas para nossa advertência, para nós que vivemos nos últimos dias.” 1 Coríntios 10:11.

Em Sua insondável sabedoria, Deus permitiu que os filhos de Jacó trilhassem o caminho mais difícil, para que se tornassem um tipo, um exemplo, uma lição salvadora no dia em que Ele estender “a Sua mão pela segunda vez para resgatar o restante do Seu povo, que ainda restará da Assíria, do Egito, de Patros, de Cuxe, de Elão, de Sinear, de Hamate e das ilhas do mar.” Isaías 11:11.

Sobre nós, então, recai a responsabilidade de, com sobriedade, sabedoria e fidelidade, fazer de suas derrotas os degraus para a vitória. É realmente maravilhoso saber que nosso caminho foi traçado séculos antes.

Como parte integrante desses "exemplos" mestres, o Criador deles promoveu José ao trono do Egito, permitindo-lhe predizer os sete anos de fartura e os sete anos de fome, assim:

DEUS ALIMENTOU O MUNDO ANTIGO COM MILHO, ASSIM COMO ALIMENTA O MUNDO MODERNO COM A VERDADE.

“E aconteceu que... Faraó teve um sonho: e eis que estava em pé junto ao rio. E eis que subiram do rio sete vacas formosas e de carne gorda; e pastavam num prado.”

“E eis que, atrás delas, subiram do rio outras sete vacas, feias e magras; e pararam junto às outras vacas na margem do rio.

“E as vacas magras e de má aparência devoraram as sete vacas gordas e de boa aparência. Então Faraó acordou...

“E aconteceu que, pela manhã, o seu espírito se perturbou, e mandou chamar todos os magos do Egito e todos os seus sábios; e Faraó contou-lhes o seu sonho; mas não houve ninguém que pudesse interpretá-lo para Faraó...

“Então Faraó mandou chamar José, e o trouxeram às pressas da prisão... e Faraó disse a José: Tive um sonho, e não há quem o interprete; e ouvi dizerem de ti que tens discernimento para interpretar sonhos... [Então Faraó contou o sonho a José].”

“E José disse a Faraó... Deus mostrou a Faraó o que Ele está para fazer. As sete vacas boas são sete anos... E as sete vacas magras e feias que vieram depois delas são sete anos...

“Eis que virão sete anos de grande fartura em toda a terra do Egito... E a fartura não será conhecida na terra por causa da fome que se seguirá; pois será muito severa... e Faraó disse: ... Vê, eu te constituí sobre toda a terra do Egito...

E nos sete anos de fartura, a terra produziu em abundância. E ele recolheu todo o alimento dos sete anos, que houve na terra do Egito, e o armazenou nas cidades; o alimento do campo, que estava ao redor de cada cidade, ele o armazenou nelas. E José recolheu trigo como a areia do mar, em grande quantidade, até que deixou de contá-lo, porque era incontável.” Gên. 41:1-49.

Qual é o significado espiritual desta lição prática? — Simplesmente este: visto que nas Escrituras o número sete invariavelmente significa a completude da categoria representada, os sete anos de fartura e os sete anos de fome apontam necessariamente para dois períodos de tempo sucessivos e completos.

A primeira deve produzir milagrosamente em grande abundância, não apenas para o tempo presente, mas também para o tempo futuro, e a segunda deve produzir milagrosamente muito pouco, ou nada.

E o que mais poderia representar, no campo do simbolismo, o “milho” armazenado senão alimento espiritual, a Palavra de Deus guardada na Bíblia (Sl 78:24)? Assim, o exemplo demonstra que os sessenta e seis livros da Bíblia são os depósitos da Verdade de Deus, e que foram preenchidos com alimento que nutre a alma durante o período dos profetas — o período antitípico de abundância — para sustentar a vida espiritual tanto naquela época quanto no período subsequente, o período do evangelho, o período antitípico de escassez.

Portanto, a Verdade armazenada que deve sustentar cada geração, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, são os escritos dos profetas, desdobrados como revelações oportunas ao longo do período do evangelho. E essa é, como todo estudante da Bíblia sabe, a realidade.

Claramente, a grande lição tipológica é que, ao longo dos anos que se seguiram à escrita da Bíblia, e nos quais não houve alimento espiritual adicional, este teve necessariamente de ser adquirido no antigo depósito, o grande Depósito de Jeová, a Bíblia, e ainda deve ser adquirido nela, agora como então, somente por meio de Seus distribuidores designados, Seus intérpretes inspirados.

“Ó vós, todos os que tendes sede, vinde às águas”, convida agora o Espírito, “e vós que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; vinde, comprai vinho e leite, sem dinheiro e sem preço.” Isaías 55:1.

O tipo demonstra inequivocamente que, assim como nos dias de José ninguém podia se servir do trigo, mas obtê-lo somente por meio dos servos designados por José, também em nossos dias o único que provê “alimento no tempo certo” é o Salvador por meio de Seus servos designados. Somente por meio deles Ele revela, interpreta e distribui a verdade oportuna.

Assim, embora estejamos agora nos anos antitípicos de fome, no período de revelação indireta do Céu, não haverá falta de alimento, da verdade presente. Há o suficiente armazenado na Bíblia para nos sustentar durante os anos de fome, se tão somente fizermos nosso pedido aos distribuidores por Ele designados. Esta é a lição mais significativa, mais urgente e mais necessária ensinada neste exemplo providencial para o povo de Deus.

O fato de o trigo ser uma figura da Palavra do Criador e os celeiros serem figuras dos livros da Bíblia, automaticamente faz de José um tipo de Cristo, que controla as Escrituras e que somente Ele distribui a Verdade àqueles que pagam o preço — que renunciam às suas tendências herdadas e cultivadas para o mal (Parábolas de Jesus, p. 330; Profetas e Reis, p. 97).

Assim, da mesma forma que José reinou como corregente com Faraó, Cristo reina como corregente com Deus; e assim como José, o salvador físico do mundo, armazenou o trigo nos celeiros do Egito, Cristo, o Salvador espiritual do mundo, armazenou a Verdade nos livros da Bíblia. Portanto, a honra que Faraó concedeu a José renunciou a honra que o Mestre Tipologista concedeu a Cristo.

Tendo preparado o caminho, José mandou chamar seu pai, seus irmãos e suas famílias:

“E Israel partiu com tudo o que possuía, e chegou a Berseba, e ofereceu sacrifícios ao Deus de seu pai Isaque.”

“E Deus falou a Israel nas visões da noite, e disse: Jacó, Jacó. E ele disse: Eis-me aqui.”

“E Ele disse: Eu sou Deus, o Deus de teu pai; não temas descer ao Egito...

“E Faraó falou a José, dizendo: Teu pai e teus irmãos vieram a ti; a terra do Egito está diante de ti; na melhor parte da terra faze habitar teu pai e teus irmãos...

“E José sustentou seu pai, e seus irmãos, e toda a casa de seu pai com pão, segundo as suas famílias... E Israel habitou na terra do Egito, na região de Gósen; e ali possuíam bens, e cresciam, e multiplicavam-se grandemente.” Gênesis 46:1-3; 47:5, 6, 12, 27.

A terra de Gósen, que Deus destinou José a dar a Israel durante sua ausência da pátria, era a melhor de toda a terra do Egito. Ali, em meio a um ambiente magnífico e outras circunstâncias favoráveis, José providenciou tudo o que eles precisavam (Gênesis 45:10).

Assim, nos anos antitípicos de fome — na dispensação do evangelho — Cristo deve ter, como mostra a figura, providenciado para a Sua igreja a melhor terra disponível durante a sua peregrinação antitípica entre as nações gentias — “o deserto” (Apocalipse 12:6). Ali, no antitípico Gósen, ela foi “alimentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo” (Ap. 12:14).

Além disso, como Jacó e sua posteridade, os progenitores das doze tribos de Israel, entraram na terra de Gósen não no início dos anos de fome, mas sim no segundo ano, isso demonstra novamente que seu equivalente não deve ser procurado no início da era cristã, mas posteriormente.

Além disso, descobrimos que o Ancião White, cujo nome próprio “Tiago [*James em inglês*]” significa o mesmo que Jacó, foi o patriarca que organizou a sua posteridade (convertidos e associados), os pais fundadores da Igreja Adventista do Sétimo Dia, os progenitores espirituais das doze tribos antitípicas — os 144.000 — na terra antitípica de Gósen, longe da terra prometida.

E o fato de Faraó manter José à sua direita no trono do Egito, assim como Deus mantém Cristo à sua direita no trono do universo, identifica Faraó como um tipo de Deus.

Mas, com o passar do tempo, esse faraó benevolente e compassivo faleceu, e em seu lugar surgiu um faraó odioso e cruel que decidiu exterminar os hebreus removendo-os —

DOS REBANHOS PARA AS OLARIAS

“Então se levantou um novo rei sobre o Egito, que não conhecia José. E ele disse ao seu povo: Eis que o povo dos filhos de Israel é mais numeroso e mais forte do que nós... Portanto, puseram sobre eles feitores para os afligirem com seus trabalhos. E construíram para Faraó cidades-armazéns, Pitom e Ramessés. Mas quanto mais os afligiam, mais se multiplicavam e cresciam... E os egípcios obrigaram os filhos de Israel a servir com rigor; e tornaram-lhes amarga a vida com dura servidão, em argamassa, em tijolos e em todo tipo de trabalho no campo.” Êxodo 1:8-14.

Por lógica paralela, este “novo” Faraó, que não conhecia José e que procurava destruir o povo do Senhor, os israelitas, tipifica um inimigo supremo, ninguém menos que Satanás, um deus falso, o usurpador deste mundo, que não conhece a Cristo e que procura escravizar o Seu povo, os cristãos, enquanto estes peregrinam no Egito antitípico.

Evidentemente, os servos do Faraó rancoroso — aqueles por meio dos quais ele levava adiante seus desígnios malignos — simbolizam os servos de Satanás, aqueles por meio dos quais ele trabalha para destruir os propósitos de Deus para a Sua igreja.

Tendo isso em vista, José procurou eliminar para sempre a possibilidade de convívio social entre os hebreus e os egípcios, instruindo seus irmãos a dizerem enfaticamente ao faraó que eram pastores, pois pastores eram uma abominação para os egípcios. Contudo, com o passar do tempo, o perverso faraó os tirou dos currais e os pôs para trabalhar nas olarias.

Fiel à sua natureza, os adventistas do sétimo dia, desde o início, se apresentaram como pastores, tendo como lema: “Todo adventista do sétimo dia é um missionário, e todo missionário é um pregador e um pastor” — pastores do rebanho de Deus.

O Espírito da Verdade, porém, revelou há anos que restrições a essa prática já haviam começado. “Uma coisa estranha”, revelou Ele, “aconteceu em nossas igrejas. Homens que são colocados em posições de responsabilidade para que sejam auxiliares sábios de seus companheiros de trabalho, passaram a supor que foram designados como reis e governantes nas igrejas para dizer a um irmão: Faça isto; a outro: Faça aquilo; e a outro: Certifique-se de trabalhar de tal e tal maneira.” — Testemunhos para Ministros, p. 477.

Assim como os hebreus foram forçados a sair dos currais e ir para as olarias, os adventistas do sétimo dia, da mesma forma, são forçados a deixar de pregar o evangelho para se dedicarem a criar metas cada vez maiores. Sim, mesmo enquanto exige seu trabalho, o faraó moderno também exige que —

NÃO LHES SEJA DADA MAIS PALHA.

“E Faraó ordenou naquele mesmo dia aos feitores do povo e aos seus oficiais, dizendo: Não dareis mais palha ao povo para fazer tijolos, como antes; que eles mesmos recolham palha para si... E saíram os feitores do povo, e os seus oficiais, e falaram ao povo, dizendo:... Ide, recolhei palha onde a encontrardes; contudo, nada do vosso trabalho vos será diminuído.” Êxodo 5:6, 7, 10; 11.

E agora, pouco antes de sua libertação da servidão antitípica, os adventistas do sétimo dia são obrigados, em circunstâncias adversas, a elaborar seus orçamentos, metas e diversas taxas e outras despesas, mas, quando precisam, praticamente não recebem nenhum auxílio

denominacional. Assim como acontece com seus tipos, tudo — tempo, força, dinheiro e tudo mais — lhes é tirado, em troca do que não recebem praticamente nada.

“Em edições anteriores de Testemunhos para a Igreja”, diz a fundadora da Denominação, “falei da importância de os adventistas do sétimo dia estabelecerem uma instituição para o benefício dos enfermos, especialmente para os que sofrem e estão doentes entre nós. Falei da capacidade do nosso povo, em termos de recursos, para fazer isso; e insisti que, em vista da importância deste ramo da grande obra de preparação para encontrar o Senhor com alegria no coração, nosso povo se sinta chamado, de acordo com suas possibilidades, a destinar uma parte de seus recursos a tal instituição...

“Quando vi aqueles que administravam e dirigiam se deparando com os perigos que me foram mostrados, dos quais eu os havia alertado publicamente, bem como em conversas particulares e cartas, um fardo terrível recaiu sobre mim. Aquilo que me fora mostrado como um lugar onde os doentes sofredores entre nós poderiam ser ajudados, era um lugar onde o sacrifício, a hospitalidade, a fé e a piedade deveriam ser os princípios regentes...

“Pelo que pude apurar, metade dos aflitos entre o nosso povo, que deveriam passar semanas ou meses no Instituto, não têm condições de arcar com todas as despesas da viagem e da estadia. Será que a pobreza impedirá esses amigos do nosso Senhor de receberem as bênçãos que Ele tão generosamente concedeu? Serão eles deixados a lutar com o duplo fardo da fraqueza e da pobreza?...

“Aos aflitos do nosso povo, quero dizer: Não desanimem. Deus não abandonou o seu povo nem a sua causa.” — Testemunhos, vol. 1, pp. 633, 641, 643.

SIPRÁ E PUÁ.

“E o rei do Egito falou às parteiras hebreias, cujo nome de uma era Sifrá e o da outra Puá, e disse: Quando fizerdes o trabalho de parteiras às mulheres hebreias, e as virdes sobre os banquinhos, se for menino, matá-lo-eis; mas, se for menina, deixá-la viver. Mas as parteiras temeram a Deus, e não fizeram como o rei do Egito lhes ordenara, mas deixaram viver os meninos.”

“E o rei do Egito chamou as parteiras e disse-lhes: Por que fizestes isto, deixando vivos os meninos? E as parteiras responderam a Faraó: Porque as mulheres hebreias não são como as egípcias; pois são vigorosas e dão à luz antes que as parteiras cheguem.”

“Portanto, Deus tratou bem as parteiras; e o povo multiplicou-se e tornou-se muito poderoso. E aconteceu que, porque as parteiras temiam a Deus, ele lhes fez casas.”

“E Faraó ordenou a todo o seu povo, dizendo: Todo filho que nascer, lançareis no rio, e toda filha, conservareis viva.” Êxodo 1:15-22.

Quem as parteiras poderiam representar tipicamente? — Que a lógica e a razão respondam: Os filhos nascidos das mulheres hebreias na terra do Egito, longe de sua pátria, só podem representar os filhos nascidos da igreja enquanto ela peregrina entre as nações gentias.

O dever de uma parteira é receber com graça, lavar imaculadamente, vestir cuidadosamente e nutrir adequadamente o recém-nascido. Assim devem ser representadas as parteiras da antiguidade, aquelas cuja responsabilidade espiritual hoje é purificar os jovens estudantes de seus pecados inerentes, revesti-los com as vestes da justiça de Cristo e nutri-los com alimento espiritual — ensinando-lhes as doutrinas à luz da Verdade Presente. O único meio para isso, é claro, é a escola da igreja.

A recusa das parteiras em matar as crianças hebreias, portanto, demonstra nada menos que o fato de que os professores nas escolas da Denominação de hoje estão se esforçando para fazer o que é certo, mesmo que tenham que, por assim dizer, violar o mandamento perverso do Faraó.

E essa interpretação da tipologia é concretamente comprovada em um trecho do periódico *The Home and School Journal of Christian Education*, um documento da Conferência Geral ao qual todo professor da Igreja Adventista do Sétimo Dia deve assinar. -SRP 50.2

A edição de dezembro de 1929 desta revista, repleta de celebrações natalinas, programas e presentes de Natal, é um bom exemplo da tendência da Conferência na época em que a *Vara do Pastor* começou a ser desenvolvida. Como é muito extensa para ser reproduzida na íntegra, citamos apenas a última frase, as palavras finais do parágrafo “O que o Natal sempre poderá significar”:

E, em geral, um batismo de realidade, simplicidade e sinceridade na celebração do aniversário supremo do mundo.

É inacreditável que uma publicação da Conferência Geral ordene aos professores que exaltem aos olhos dos jovens o dia mais idolatrado do mundo como o nascimento de Cristo. Mas, como todos podem ver, é tão atual quanto a ordem do Faraó às parteiras.

Sua exigência de que os meninos fossem lançados no rio não impedia, na verdade, o rápido crescimento da nação hebraica, mas era uma tentativa implacável de destruir o libertador

prometido. E a derrota da intenção maligna de Faraó naquele dia prenunciou a derrota da sutil tentativa do Faraó moderno de eliminar o profeta de hoje, aquele que libertará o Israel moderno quando os tempos dos gentios se completarem.

Em confirmação de que o Faraó de hoje está, na verdade, fazendo tudo o que pode para privar o povo de Deus de um libertador nestes dias, citamos o fato de que, embora o registro inspirado da denominação claramente preveja a vinda de um profeta (Testemunhos para Ministros, p. 475), uma mensagem, uma verdade adicional (Primeiros Escritos, p. 277), os membros da igreja não apenas são deixados na ignorância disso, mas são até mesmo advertidos contra isso — ensinados de que não precisam de nada, que possuem toda a verdade para conduzi-los diretamente ao Reino!

Para expor, nas palavras da Inspiração, a declaração arrogante e enganosa do faraó moderno sobre tal falsidade, citamos:

“A profecia deve se cumprir. O Senhor diz: ‘Eis que Eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor.’ Alguém virá no espírito e poder de Elias, e quando ele aparecer, os homens poderão dizer: ‘Você é muito zeloso, não interpreta as Escrituras corretamente. Deixe-me lhe dizer como transmitir sua mensagem.’” — Testemunhos para Ministros, pp. 475.

“A atitude atual da igreja não agrada a Deus. Chegou-lhes uma autoconfiança que os levou a não sentirem necessidade de mais verdade e maior luz. Vivemos em uma época em que Satanás está agindo à nossa direita e à nossa esquerda, à nossa frente e atrás de nós; e, no entanto, como povo, estamos adormecidos. Deus quer que uma voz seja ouvida, despertando o Seu povo para a ação.” — Testemunhos, vol. 5, p. 709. (Ver também Obreiros Evangélicos, p. 300.)

Que o Faraó de hoje encontrará a derrota final em sua astuta empreitada, é claramente revelado pelos fatos de que não apenas a vida de Moisés foi poupada pela filha do antigo Faraó, mas também ele foi criado às custas do próprio rei; sua tentativa involuntária de frustrar o propósito de Deus para o Seu povo, certamente se transformará, às custas deles, em uma gloriosa vitória para o Senhor.

Tendo agora visto que a entrada de Israel no Egito é tipológica, a lógica determina que o mesmo deve ocorrer com

ISRAEL SAINDO DO EGITO.

Que o êxodo dos dias de Moisés é uma demonstração em miniatura do êxodo do futuro próximo, o Espírito, por meio do profeta Isaías, declara enfaticamente:

“Naquele dia, haverá uma raiz de Jessé [um núcleo de seus descendentes], que se erguerá como um estandarte para os povos; as nações a buscarão; e o seu repouso [a terra onde ela se encontra] será glorioso.”

“E acontecerá naquele dia que o Senhor estenderá a sua mão pela segunda vez para resgatar o remanescente [aqueles que ainda estão entre os gentios] do seu povo, que restará da Assíria, e do Egito, e de Patros, e de Cuxe, e de Elão, e de Sinar, e de Hamate, e das ilhas do mar.”

“Ele levantará um estandarte para as nações, reunirá os exilados de Israel e ajuntará os dispersos de Judá desde os quatro cantos da terra.”

“A inveja de Efraim também desaparecerá, e os adversários de Judá serão eliminados; Efraim não terá inveja de Judá, e Judá não afligirá Efraim. [Haverá paz perfeita entre eles].

“Mas eles voarão sobre os ombros dos filisteus para o oeste; juntos os despojarão do leste; estenderão a mão sobre Edom e Moabe, e os filhos de Amom lhes obedecerão.”

“E o Senhor destruirá completamente a língua do mar egípcio; e com o seu vento poderoso agitará a sua mão sobre o rio, e o ferirá em sete correntes, e fará com que os homens andem a pé enxuto.”

“E haverá uma estrada para o restante do seu povo, que sobrar, desde a Assíria; como foi para Israel no dia em que subiu da terra do Egito.” Isaías 11:10-16.

Portanto, é muito evidente que a coluna de nuvem durante o dia e a coluna de fogo durante a noite, que tão gloriosamente conduziram o exército hebreu para fora do Egito, renunciaram uma proteção ainda maior e mais gloriosa, que conduzirá vitoriosamente o Israel de hoje não apenas em sua jornada rumo à terra prometida, mas também durante toda a sua permanência lá.

Pois “acontecerá”, revela o profeta, “que aquele que ficar em Sião, e aquele que permanecer em Jerusalém [após o pecador ser levado], será chamado santo, sim, todo aquele que estiver inscrito entre os vivos em Jerusalém; quando o Senhor tiver lavado a imundície das filhas de Sião, e tiver purificado o sangue de Jerusalém do meio dela, pelo espírito de juízo, e pelo espírito de fogo.

“E o Senhor criará sobre todo lugar habitado do monte Sião e sobre as suas assembleias, uma nuvem e fumaça de dia, e o resplendor de um fogo flamejante de noite; porque sobre todos a glória será uma defesa.

“E haverá ali uma tenda para sombra contra o calor do dia, e para lugar de refúgio e abrigo contra a tempestade e a chuva.” Isaías 4:3-6.

Essas passagens proféticas prenunciam com certeza que em breve os pecadores serão retirados de Jerusalém (“a imundície das filhas de Sião” será lavada), e assim prometem que somente os justos dos quatro cantos da terra terão parte no vindouro êxodo antitípico.

A Páscoa, na qual pereceram todos os primogênitos de homens e animais que foram encontrados em casas que não tinham o sangue nos umbrais das portas, também renunciou uma Páscoa antitípica na qual todos os que ficarem sem a marca por não suspirarem e chorarem pelas abominações em seu meio certamente cairão sob as armas de matança dos anjos (Ezequiel 9:2).

Quando isso acontecerá? — O tipo revela inquestionavelmente o tempo pelo fato de que somente os primogênitos estavam em perigo. Consequentemente, a Páscoa antitípica ocorrerá no tempo da colheita das primícias — o selamento dos 144.000, as primícias, os primeiros a irem para a Jerusalém antitípica, os primeiros a estarem no Monte Sião com o Cordeiro, os primogênitos pelo Espírito. Obviamente, todas as primícias que receberem a marca viverão, e todos os que não a receberem perecerão, tão certamente quanto os primogênitos que, no tempo da Páscoa típica, deixaram de aplicar o sangue nos umbrais das portas.

Além desses exemplos impressionantes com suas valiosas lições, o Maravilhoso, para nosso esclarecimento, elaborou com a maior precisão ainda mais

MARAVILHAS DA TIPOLOGIA.

O olhar voltado para a luz do céu vê que Jeová Deus, o Super Artista, empregou nas Escrituras todos os métodos conhecidos pela humanidade para revelar a maravilhosa estrutura da Redenção. E agora, enquanto conduz o Seu povo ao Reino eterno, Ele usa como luz em seu caminho até mesmo a tipologia — as vidas de homens que os precederam e as experiências pelas quais passaram — e decreta que suas derrotas e vitórias sejam os degraus dos santos sobre todas as armadilhas.

E para despertar o espírito dos homens para a compreensão de Seu poder miraculoso e de sua incapacidade de prever o futuro e, assim, trilhar o caminho reto, o Onisciente lança o desafio:

“Apresentem a sua causa, diz o Senhor; exponham as suas fortes razões, diz o Rei de Jacó.”

“Que eles as apresentem e nos mostrem o que há de acontecer; que nos revelem as coisas passadas, o que são, para que as consideremos e conheçamos o seu fim; ou que nos declarem as coisas que hão de vir.”

“Mostrai as coisas que hão de vir depois destas, para que saibamos que sois deuses; fazei o bem ou o mal, para que sejamos consternados e vejamos tudo juntos.” Isaías 41:21-23.

“Quem fez e realizou isso, chamando as gerações desde o princípio? Eu, o Senhor, o primeiro, e com os últimos; Eu sou o mesmo.” Isaías 41:4.

Ele exige que expliquemos a causa, a razão, o significado das coisas passadas. Digam-nos, o que elas significam? Para que servem? Vocês conseguem prever o futuro pelo passado, seja ele bom ou ruim? Demonstrem o poder divino, se puderem.

O silêncio sobre o assunto dá consentimento ao fato de que somente o Grande Eu Sou pode assim advertir as gerações, da primeira à última. E Ele deixa claro que, embora as experiências pelas quais nossos antecessores passaram tenham servido de exemplo para nós, mesmo essas nós, por nós mesmos, não podemos interpretá-las corretamente.

Mas agora, no tempo determinado, Ele próprio revela o seu significado às pessoas para quem foram originalmente e especialmente concebidas. Assim, por meio das “coisas antigas”, o mundo de ontem, o grande e único Tipologista projetou o “fim último” delas, o mundo de hoje:

No início desta tipologia, observa-se que “a mulher”, Eva, que por meio de sua própria semente (a igreja viva) esmagará a cabeça da serpente (Gênesis 3:15), simboliza a igreja que precede a dispensação hebraica; em seguida, que Agar simboliza a igreja durante a dispensação hebraica e, finalmente, que Sara simboliza a Igreja Cristã.

Seguindo essa lógica, a tipologia mostra que Melquisedeque, o sacerdote do Deus Altíssimo, que não tem princípio nem fim de dias, tipifica Cristo, nosso Sumo Sacerdote, e Sua obra eterna, e que Arão, um sumo sacerdote na dispensação judaica, tipifica Cristo, nosso Sumo Sacerdote, e sua obra sacerdotal temporária.

Ao construir a tipologia, a Providência trouxe Agar para a casa de Abraão e, por meio da espera insuportável de Sara por um filho, trouxe Ismael à existência. Assim, foi predito o caráter moral e o comportamento de uma nação antitípica.

Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava e o outro da livre. O filho da escrava, porém, nasceu segundo a carne; o da livre, contudo, nasceu por promessa.

“Essas coisas são uma alegoria: pois estas são as duas alianças; uma do Monte Sinai, que gera para a servidão, que é Agar. Pois este Agar é o Monte Sinai na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em servidão com seus filhos. Mas Jerusalém, que está acima, é livre, que é a mãe de todos nós.

Pois está escrito: “Alegra-te, ó estéril, que não tens filhos; exulta e clama, tu que não tens dores de parto; porque a desolada tem muito mais filhos do que a que tem marido.”

“Ora, nós, irmãos, assim como Isaque, somos filhos da promessa. Mas, assim como então o nascido segundo a carne perseguia o nascido segundo o Espírito, assim também agora.

“Mas que diz a Escritura? Expulsa a escrava e o seu filho, porque o filho da escrava não herdará com o filho da livre. Assim, pois, irmãos, nós não somos filhos da escrava, mas da livre.”
Gálatas 4:22-31.

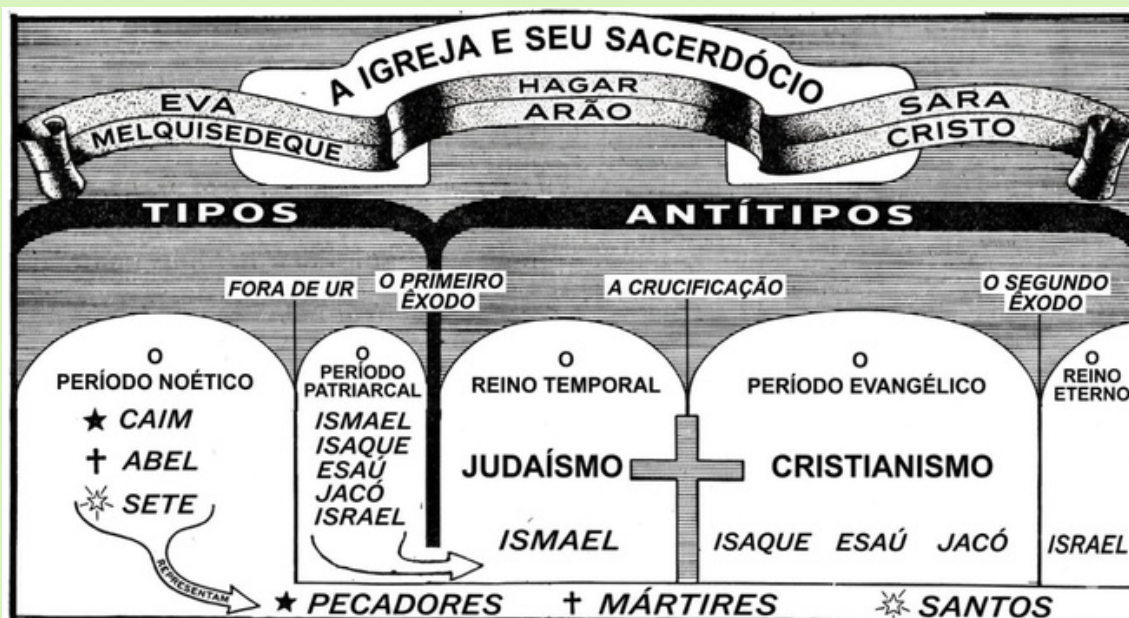
É evidente que a entrada de Agar e Ismael na casa de Abraão renunciou um povo nascido da carne (não do poder espiritual), os descendentes de Jacó (o antigo Israel), entrando na casa de Deus, não por meio de nascimento espiritual, mas por causa natural.

É também o fato de que a rebelião de Agar contra Sara renunciou a rebelião dos rabinos contra a Igreja Cristã, e que a perseguição de Ismael a Isaac apontou para a perseguição dos judeus aos cristãos.

E, por fim, o deserdar de Abraão Agar e seu filho, enviando-os para longe de uma vez por todas, foi uma prévia do deserdar e expulsar de Sua casa os judeus de mente carnal que não se converteram, não se reconciliaram, não nasceram de novo — que não sepultaram o corpo carnal e não ressuscitaram com um corpo espiritual, conforme a promessa.

Portanto, jamais o judeu carnal, assim como o gentio carnal, herdará o Reino de Deus com os santos — não, assim como Ismael não herdou as riquezas de Abraão — nem terá parte alguma em Suas gloriosas promessas, a menos que nasça de novo, nasça do Espírito para a santa família de Deus (Romanos 11:23).

Após termos analisado esses três períodos da igreja com seus diversos sacerdócios, chegamos agora à segunda fase da tipologia, que veremos de forma rápida e ainda mais realista ao revisarmos o drama tipológico das eras com o auxílio do gráfico anexo, o qual revela graficamente a verdade que se desenvolve e nos exorta a segui-la.



Por meio deste gráfico, a igreja de Deus é rapidamente vista em cinco categorias diferentes por períodos. As duas primeiras estão dentro do padrão típico, e as três últimas dentro do padrão antitípico:

(1) O Noático, (2) o Patriarcal, (3) o Reino Temporal, (4) o Evangélico, (5) o Reino Eterno.

A semente tipológica da “mulher” nasce nos dois períodos típicos — o Noático e o Patriarcal — e atinge a maturidade espiritual durante os três períodos antitípicos subsequentes; a saber, o Reino Temporal, o Evangélico e o Reino Eterno.

Na fase típica, os filhos nascidos naturalmente: Caim e Abel, Ismael e Isaque, Esaú e Jacó — um bom e um mau em cada caso. E na antitípica, encontram seus antítipos da seguinte forma:

Alegoricamente, ao longo da história da igreja, vemos, por um lado, os cainitas — aqueles que adoram a Deus não como Ele ordena, mas conforme seus desejos e conveniências exigem. E, por outro lado, vemos os abelitas — aqueles que adoram a Deus precisamente segundo a Sua vontade e que, além disso, por agirem assim, incorrem no desagrado dos cainitas, que, em ira e ciúme, os matam. Assim, surgem os mártires.

Então a Misericórdia trouxe Sete para assumir o papel que Abel foi forçado a deixar pelas circunstâncias. Caim, o primogênito, representa, segundo a ordem bíblica, uma classe ministerial, enquanto Abel e Sete, os mais jovens, representam necessariamente uma classe leiga.

Assim foram tipificados os pastores e os leigos, o hipócrita, o mártir e o santo, desde o princípio da raça humana.

Isaque, o primogênito prometido por vontade de Deus, só pode representar uma classe de ministros que são colocados nesse ofício sagrado por meio da promessa de primogenitura espiritual — “nascidos de novo”, divinamente designados.

Ismael, também, sendo o primogênito de Abraão, mas não por meio de casamento legal ou promessa, representa circunstancialmente uma classe de ministros carnavais que são conduzidos a esse ofício não por direito de primogenitura espiritual e um chamado do Senhor da vinha, mas apenas por meio de uma oportunidade favorável.

Dessa forma, dramatizou-se o caráter dos rabinos judeus obstinados, os ismaelitas no antítipo, que perseguiram os apóstolos, os isaicitas no antítipo.

Sendo Esaú e Jacó gêmeos e os últimos nesta linha tipológica, eles prenunciam duas classes de pessoas que viveram simultaneamente no período eclesiástico posterior ao representado por Isaque — o último, o laodicense Esaú, sendo o primogênito, prefigura um ministério esaúita que, por uma mera porção de “ensopado”, cede sua posição a um leigo jacobita.

E, ampliando o assunto, o Espírito de Profecia advertiu enfaticamente aos esauítas há muito tempo, dizendo:

“No grande peneiramento que em breve ocorrerá, seremos mais capazes de medir a força de Israel. Os sinais revelam que está próximo o tempo em que o Senhor manifestará que o Seu leque está em Sua mão e purificará completamente a Sua eira...

“Aqueles que prestaram suprema homenagem à ‘falsa ciência’ não serão os líderes então. Aqueles que confiaram no intelecto, no gênio ou no talento não estarão à frente das colunas e fileiras. Eles não acompanharam a luz. Aqueles que se mostraram infiéis não serão encarregados do rebanho. Na última e solene obra, poucos grandes homens estarão envolvidos. Eles são autossuficientes, independentes de Deus, e Ele não pode usá-los. O Senhor tem servos fiéis que, no tempo de provação e sacudidura, serão revelados.” — Testemunhos, vol. 5, p. 80.

Agora, a mudança do nome de Esaú mostra que os esaúitas, em breve, não serão mais vistos e idolatrados como esaúitas, como aqueles que terminam, mas sim temidos como edomitas, como aqueles que perecem. E a mudança do nome de Jacó mostra que os jacobitas não serão mais expulsos e temidos como jacobitas, como usurpadores, carnais, mas sim acolhidos como israelitas, príncipes santos, corregentes que estarão com o Cordeiro no Monte Sião (Apocalipse 14:1), no palácio do Grande Rei.

Então, quando a obra do evangelho estiver concluída e “a semente da mulher” amadurecer e se tornar cristãos plenos (tornando-se o machado de guerra do Senhor — Jeremias 51:20) — e esmagar a cabeça da serpente, e também ferir as nações ímpias — Daniel 2:44, 45), então ficará claro que aquilo que o primeiro Adão perdeu por causa da indulgência, o segundo Adão recuperou por meio do domínio próprio, — o Reino Eterno governando novamente toda a terra (Daniel 2:35).

“E sairá um ramo do tronco de Jessé”, declara a Inspiração, “e um Renovo brotará das suas raízes [o Salvador da casa de Jessé]... e Ele não julgará segundo a vista dos Seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos Seus ouvidos; mas com justiça julgará os pobres e com equidade repreenderá os mansos da terra:...

“E a justiça será o cinto dos Seus lombos, e a fidelidade o cinto dos Seus rins.

“O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o cabrito; o bezerro, o leãozinho e o novilho gordo pastarão juntos, e uma criança os guiará. A vaca e a urso pastarão juntas, e seus filhotes se deitarão juntos; o leão comerá palha como o boi.

“A criança de peito brincará na toca da víbora, e a criança desmamada estenderá a mão sobre o ninho do basilisco. Não haverá mal nem destruição em todo o Meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.” Isaías 11:1-9.

E agora, caro leitor, percebendo que chegou a hora de um verdadeiro banquete de alimento espiritual, “alimento no tempo certo”, você é, naturalmente, levado a perguntar: O que o trouxe? O que provocou essa grande mudança?

A resposta a esta questão pertinente encontra-se nas seguintes

COINCIDÊNCIAS CRONOLÓGICAS.

“Ora, a peregrinação dos filhos de Israel, que habitaram no Egito, foi de quatrocentos e trinta anos.” Êxodo 12:40.

O leitor perceberá rapidamente que os eventos durante esse período de peregrinação e aflição de Abraão, Isaque, Jacó e Israel coincidem, de forma notável, com eventos semelhantes no período que vai da Reforma Protestante de Lutero até a mensagem atual, o selamento dos 144.000.

“O período de quatrocentos e trinta anos data da promessa feita a Abraão quando lhe foi ordenado que deixasse Ur dos Caldeus. Os quatrocentos anos de Gênesis 15:13 datam de um período posterior. Observe que o período de quatrocentos anos não é apenas um tempo de peregrinação, mas também de aflição. Isso, de acordo com as Escrituras, deve ser contado a partir de trinta anos depois, aproximadamente na época em que Ismael, 'o que nasceu segundo a carne, perseguiu aquele [Isaque] que nasceu segundo o Espírito'. Gálatas 4:29.” — Patriarcas e Profetas, p. 760, Apêndice, Nota 6.

E, de acordo com Gálatas 3:15-17, os 430 anos terminaram com a entrega da lei no Monte Sinai.

Ao analisarmos essas coincidências, somos lembrados de que, quando Abraão decidiu seguir o Senhor para fora de Ur, a idolatria prevalecia em todo o mundo caldeu. Da mesma forma, o mundo protestante sustenta que, na época em que Martinho Lutero decidiu ser sacerdote em vez de advogado, a idolatria, contra a qual ele protestava, prevalecia até mesmo em todo o mundo cristão. E como a doutrina que ele pregava era a mesma de Abraão, “o justo viverá pela fé”, já se vê que Abraão e o mundo de sua época encontram seus correspondentes em Lutero e no mundo de sua época.

Além disso, o protesto de Sara e Isaque contra Agar e Ismael, ao final dos trinta anos desde a saída de Abraão de Ur, encontra seu paralelo em 1530 d.C. A história registra que, por volta de 1500, Lutero descobriu uma Bíblia em latim na biblioteca da Universidade de Erfurt e, para sua grande alegria, constatou que ela continha mais do que os trechos de uso comum. Seus 30 anos de estudo e pregação da Bíblia resultaram na Confissão de Augsburgo, documento adotado como credo protestante e apresentado ao Imperador Carlos V na Catedral de Augsburgo, em 1530.

Assim, a decisão de Abraão de viver para Deus em vez de para Ur coincide com a decisão de Lutero de se tornar sacerdote em vez de advogado. E o protesto de Sara e Isaque, de que Agar e Ismael não eram leais à família de Abraão e que, portanto, nunca mais fariam parte dela, nunca seriam seus herdeiros, coincide com o protesto protestante contido no documento pelo qual protestavam que as práticas da igreja e de seus seguidores na Idade Média não estavam de acordo com a Palavra.

E desde o tempo em que Sara protestou até o nascimento de Moisés, a esperança da libertação de Israel, transcorreram 320 anos, que, somados a 1530 d.C., resultam em 1850, ano que deu origem ao Primeiro Testemunho para a Igreja, dirigido aos 144.000, o Israel de hoje. É

evidente, portanto, que o nascimento de Moisés, a esperança do antigo Israel, encontra seu paralelo no nascimento do Primeiro Testemunho, a esperança do Israel moderno.

Continuando com esses eventos correspondentes, lembramos que Moisés, aos 40 anos, tentou libertar Israel, mas, falhando, fugiu. Somando esses 40 anos a 1850 d.C., chegamos a 1890, ano em que a denominação Adventista do Sétimo Dia organizou a Associação Nacional de Liberdade Religiosa, que também não conseguiu cumprir seu propósito.

Além disso, essa data notável, 1890, foi alcançada apenas dois anos depois que a doutrina da “justificação pela fé” foi trazida à atenção da Denominação pela primeira vez no histórico Acampamento de Minneapolis de 1888, e ali rejeitada por quase todos os presentes. Nos dois anos seguintes, foi rejeitada por toda a Denominação. (Ver Cristo Nossa Justiça, pp. 41-55, edição de 1941; Testemunhos para Ministros, pp. 79, 80.) Esta é uma das razões pelas quais a igreja, em 1890, entrou em um período de peregrinação antitípica de quarenta anos no deserto, semelhante à tentativa e ao fracasso de Moisés em libertar o antigo Israel; e também à sua fuga para o deserto. (Ver Quarenta Anos no Deserto, do Ancião Taylor Bunch, pp. 15-17.)

Quarenta anos após sua primeira tentativa de libertar os filhos de Israel, Moisés foi finalmente enviado de volta ao Egito e então pôde quebrar o jugo egípcio. Somando esses 40 anos a 1890 d.C., chegamos a 1930, ano em que o livro "A Vara do Pastor", Vol. 1, foi publicado pela primeira vez, declarando em toda a denominação Adventista do Sétimo Dia que "chegou o ano dos meus redimidos", o dia em que "o Senhor estenderá a sua mão pela segunda vez para resgatar o remanescente do seu povo" (Isaías 63:4, 11:11). Assim, o chamado de Moisés para libertar Israel da servidão egípcia coincide com a publicação da "Vara do Pastor", que exige obediência à lei de Deus, declara a verdade sobre os 144.000 e anuncia que este é o tempo de sua libertação do domínio gentio.

Além disso, desde a decisão de Abraão de seguir o Senhor até o nascimento de Jacó, transcorreram 85 anos. E desde o início da denominação Adventista do Sétimo Dia, desde a primeira visão transcendental da sua fundadora, referente aos 144.000, até o surgimento da mensagem da Vara do Pastor, também transcorreram 85 anos.

Todas essas coincidências quanto ao tempo e ao objetivo podem agora ser compreendidas de forma mais rápida e fácil no —

RESUMO.

A decisão de Abraão de servir ao Senhor em 2083 (anos a partir da criação) coincide com a conversão de Lutero de buscas seculares para espirituais em 1500 d.C.; o protesto de Sara contra Agar e Ismael em 2113 coincide com o protesto dos protestantes contra a igreja em 1530 d.C.; o nascimento de Moisés, a esperança do antigo Israel, em 2433, coincide em 1850 d.C. com o nascimento do Primeiro Testemunho, a esperança do Israel moderno — dirigido aos 144.000, o Israel de hoje.

E a tentativa e o fracasso de Moisés em libertar Israel em 2473 coincidem com a tentativa e o fracasso da Associação Adventista do Sétimo Dia pela Liberdade Religiosa, e sua rejeição da mensagem da Justificação pela Fé — fazendo com que a denominação, em 1890 d.C., também entrasse em um período de 40 anos de peregrinação no deserto, por assim dizer.

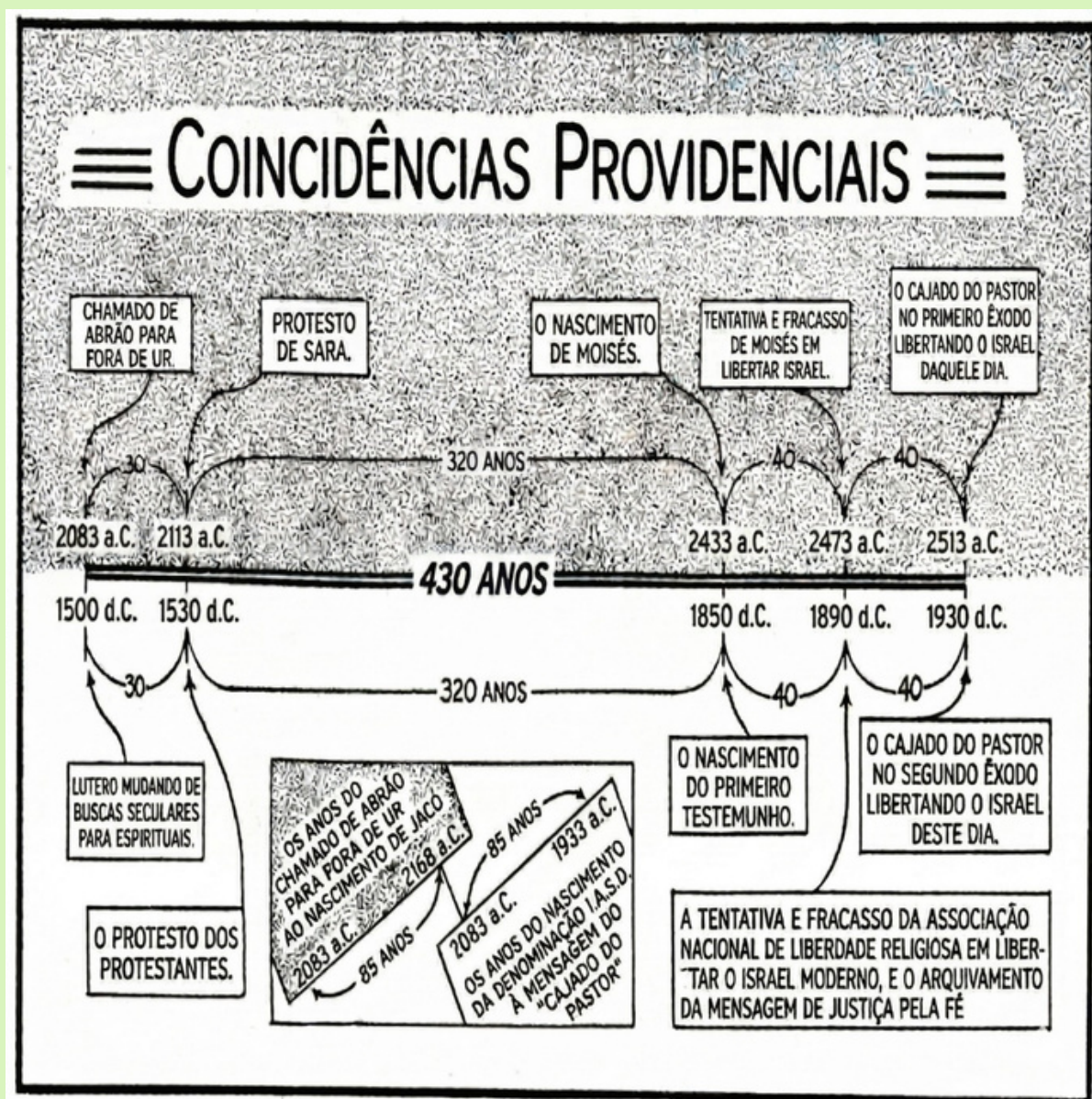
Finalmente, a chegada de Moisés ao Egito e seu sucesso em libertar o exército hebreu e restaurar a ordem e a liberdade religiosa em 2513 coincidem com a chegada da Vara do Pastor

em 1930 d.C., e com seu esforço para efetuar o reavivamento e a reforma e libertar o Israel de hoje.

(Em alguns casos, os eventos coincidentais podem, de acordo com o nosso calendário atual, parecer estar um ano adiantados ou um ano atrasados, devido ao fato de o primeiro mês do calendário mosaico cair no quarto mês do ano civil atual. Para um exemplo, veja O Respondente, Livro nº 3, pp. 49, 50, edição de 1944.)

Portanto, qualquer um pode ver que os 430 anos típicos e seus eventos interligados, desde a saída de Abraão de Ur até a saída de Moisés do Egito com a vara do Senhor e a entrega da lei no Monte Sinai, correspondem aos 430 anos antitípicos, desde o momento em que Lutero interrompeu seus estudos de direito e começou a estudar a Bíblia, até o ano em que a Vara do Pastor proclamou o selamento dos 144.000, a libertação do Israel moderno.

Esses eventos coincidentes agora são visualizados de forma gráfica e ainda mais realista no gráfico a seguir:



Todos esses acontecimentos modernos, estando perfeitamente em consonância com os antigos, tanto em termos de tempo quanto de objetivo, confirmam definitivamente o fato de que a obra da Vara do Pastor é divinamente preordenada e tão oportuna em nossos dias quanto a obra de Moisés e sua vara o foram em sua época. Consequentemente, somos irresistivelmente compelidos a reconhecer o desígnio providencial e o conhecimento prévio do bem-estar eterno do leitor por milhares de anos.

Assim, desarmando completamente o Inimigo das almas, o grande Criador dessas verdades tipológicas deixa o leitor livre para fazer sua própria escolha sobre se permanecerá nas trevas ou se virá para a Luz do Senhor, sem mais se perguntar a qual igreja se unir, ou o que é verdade e o que é erro.

Ele agora poderá contemplar “quão formosos são sobre os montes os pés daquele que traz boas novas, que anuncia a paz; que traz boas novas de coisas boas, que anuncia a salvação; que diz a Sião: O teu Deus reina”. Isa. 52:7.

Agora a pergunta sobre “o que provocou a grande mudança”, “o que trouxe esta gloriosa verdade”, está respondida — a chegada oportuna deste mensageiro silencioso profetizado.

Finalmente, estando plenamente consciente de onde reside a sua segurança e onde se esconde o perigo, você, caro leitor, está sem dúvida ansioso para saber a qualidade e a quantidade do alimento espiritual que tem consumido e continua a consumir. Esta fase da tipologia é revelada com maior fidelidade e precisão em

EZEQUIEL QUATRO.

“Tu também, filho do homem, toma uma telha, põe-na diante de ti e desenha nela a cidade, Jerusalém.” Ezequiel 4:1.

Ezequiel recebeu a ordem de gravar uma cidade em uma telha e chamá-la de Jerusalém. O material no qual a cidade deveria ser gravada era eterno — não sujeito à deterioração — o que denota que a cidade idealizada é uma que permanecerá para sempre: um povo que jamais morrerá.

“Contemplem Sião, a cidade das nossas solenidades; teus olhos verão Jerusalém, morada tranquila, tabernáculo que não será desmontado; nenhuma das suas estacas jamais será removida, nem nenhuma das suas cordas será quebrada. Mas ali o glorioso Senhor será para nós um lugar de rios largos e correntes, por onde não passará nenhum navio a remos, nem navio majestoso... E o habitante não dirá: Estou enfermo; aos que ali habitam serão perdoados os seus pecados.” Isaías 33:20, 21, 24.

“E sitiem-na, e construam contra ela uma fortaleza, e ergam contra ela um monte; coloquem também o acampamento contra ela, e ponham contra ela aríetes ao redor.” Ezequiel 4:2.

“Sitiar” significa, naturalmente, invadi-la com um exército de trabalhadores reformadores e obrigá-la a render-se — a chegar ao conhecimento da verdade aqui revelada. É muito evidente, portanto, que a mensagem do momento, e somente ela, deve ser apresentada ao povo de Deus.

“E construa uma fortaleza contra ela” — assegure-se de que ninguém escape, seja bom ou mau.

Então, “prepare um monte”; não poupe esforços e tome precauções para segurar a cidade.

“Montem também o acampamento contra ela”; isto é, construam um alojamento temporário para os seus trabalhadores, um quartel-general de onde possam prosseguir com a obra, e preparem-se para permanecer ali até conquistarem a cidade. Este é o propósito devoto da construção do Centro Monte Carmelo, este é o seu objetivo declarado.

Também “posicionem aríetes [nota de rodapé — principais líderes] contra” a cidade “ao redor”. O instrumento com o qual eles golpeiam, é claro, é a verdade bíblica clara, incisiva e convincente. E esta é a necessidade óbvia de se ter, em cada ramo da obra, homens capazes de liderar com sabedoria.

“Toma também uma panela de ferro e põe-na por muro de ferro entre ti e a cidade; volta o teu rosto contra ela, e ela será sitiada, e tu a sitiarás. Isto será um sinal para a casa de Israel.” Ez. 4:3.

Isto é, quando isso ocorrer na casa antitípica de Judá, servirá de sinal para advertir a casa antitípica de Israel.

Então acontecerá que “quando os filhos do teu povo te disserem: Não nos explicarás o que queres dizer com isto?

“Diga-lhes: Assim diz o Senhor Deus: Eis que tomarei a vara de José, que está na mão de Efraim, e as tribos de Israel, seus companheiros, e os porei com ele, juntamente com a vara de Judá, e farei deles uma só vara, e eles serão um na Minha mão.”

“E as varas em que escreves estarão em tua mão diante dos seus olhos.”

“E dize-lhes: Assim diz o Senhor Deus: Eis que tomarei os filhos de Israel dentre as nações para onde foram, e os congregarei de todos os lados, e os trarei à sua própria terra:

“E farei deles uma só nação na terra, nos montes de Israel; e um só rei reinará sobre todos eles; e nunca mais serão duas nações, nem jamais se dividirão em dois reinos.”

“Eles não se contaminarão mais com os seus ídolos, nem com as suas abominações, nem com nenhuma das suas transgressões; mas eu os salvarei de todas as suas moradas, nas quais pecaram, e os purificarei; assim eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus.”

“E Davi, meu servo, será rei sobre eles; e a todos terão um só pastor; andarão nos meus juízos, e guardarão os meus estatutos, e os cumprirão.”

“E habitarão na terra que dei a Jacó, meu servo, na qual habitaram vossos pais; e nela habitarão, eles, e seus filhos, e os filhos de seus filhos, para sempre; e Davi, meu servo, será o seu príncipe para sempre.”

“Além disso, farei com eles uma aliança de paz; será com eles uma aliança perpétua; e os estabelecerei, e os multiplicarei, e porei o meu santuário no meio deles para sempre.” - SRP 77.2

“O meu tabernáculo estará com eles; sim, eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.”

“E as nações saberão que eu, o Senhor, santifico a Israel, quando o meu santuário estiver no meio deles para sempre.” Ezequiel 37:18-28.

Assim como um general de exércitos se volta contra uma nação inimiga com a intenção de conquistá-la, Ezequiel, em sua visão antitípica, recebe a ordem de empreender esse urgente “reavivamento e reforma” entre o povo de Deus.

“Então, qualquer que ouvir o som da trombeta e não se atentar para o aviso, se vier a espada e o levar, o seu sangue será sobre a sua própria cabeça.”

“Ele ouviu o som da trombeta, e não se atentou, o seu sangue será sobre ele. Mas quem se atentar, livrará a sua alma.” Ezequiel 33:4, 5.

“Porque Eu te impus os anos da sua iniquidade, segundo o número dos dias, trezentos e noventa dias; assim levarás sobre ti a iniquidade da casa de Israel. E, havendo-os cumprido, torna a deitar-te sobre o teu lado direito, e levarás sobre ti a iniquidade da casa de Judá quarenta dias; cada dia te estabeleci como um ano.” Ezequiel 4:5, 6.

Nesta representação parabólica sobre o destino da casa de Israel (o reino das dez tribos) e da casa de Judá (o reino das duas tribos), durante seus respectivos cativeiros entre os gentios, longe de sua terra natal, destaca-se o fato de que, deitado sobre o lado esquerdo, Ezequiel retrata a casa de Israel em sua iniquidade por um período de 390 anos, e que, deitado sobre o lado direito, retrata a casa de Judá em sua iniquidade por um período de 40 anos.

“Eis que porei sobre ti cordas, e não te desviarás de um lado para o outro, até que tenhas cumprido os dias do teu cerco.” Ezequiel 4:8.

O fato de Ezequiel estar inamovivelmente preso simboliza a certeza e a inescapabilidade do castigo que seu povo sofrerá por sua iniquidade durante o período de anos predito.

“Toma também trigo, cevada, feijão, lentilhas, milho-miúdo e espelta, e põe-nos numa vasilha, e faze dele pão; conforme o número dos dias em que te deitares sobre o teu lado, trezentos e noventa dias comerás dele... E o comerás como bolos de cevada, e o assarás com esterco de homem, à vista deles. E o Senhor ordenou: Assim comerão os filhos de Israel o seu pão impuro entre os gentios, para onde os lançarei.” Ezequiel 4:9, 12, 13.

Este é o castigo que será infligido à casa de Israel durante os anos de seu cativeiro entre os gentios. E como nem a história sagrada nem a profana registram que o povo de Deus tenha sido literalmente submetido a alimentos preparados dessa maneira, o fato é conclusivamente comprovado que toda essa profecia é simbólica. Os seis grãos, portanto, podem representar apenas alimento espiritual, assim como os grãos em outras partes das Escrituras. Quando começam os dois períodos (os 390 anos e os 40 anos)? — Obviamente não na época em que Samaria, a capital do reino das dez tribos, foi invadida pela Assíria, nem na época em que Jerusalém, a capital do reino das duas tribos, foi sitiada pela Babilônia, pois o próprio Ezequiel, não um rei gentio, tinha que sitiar Jerusalém e conquista-la, não a deixar escapar.

O período também não poderia ter terminado com o retorno de Judá da Babilônia para Jerusalém, durante a reconstrução do templo e da cidade, pois Judá esteve no exílio por apenas cerca de 70 anos, e não 430 anos.

E, finalmente, as dez tribos, a casa de Israel, jamais retornaram à sua terra natal até os dias de hoje.

Portanto, todo o simbolismo deve ser profético da igreja na dispensação cristã. E como Ezequiel, figurativamente representa o servo de Deus, ainda não conquistou Jerusalém, o tempo de sua vitória ainda está por vir.

Mas quando exatamente começa esse período? — A única resposta lógica é: Quando os castigos começam a ser aplicados. Portanto, precisamos determinar o momento em que o povo disperso de Deus foi ou está sendo submetido a comer alimentos preparados conforme descrito em Ezequiel 4:9-13.

Visto que os grãos são figuras de alimento espiritual, de doutrinas, então o único recipiente em que são originalmente colocados só pode ser figurativo da Bíblia. E, por inferência, conclui-se que, em seu estado natural, antes de serem assados, devem representar as doutrinas não interpretadas, não compreendidas; e, inversamente, quando transformados em bolos e assados, devem representar as doutrinas interpretadas e publicadas, prontas para serem distribuídas e assimiladas — pregadas, cridas e praticadas.

Durante o período de 390 anos, Ezequiel deveria comer os grãos com parcimônia, “por medida”, e em fogo impuro, “assado sobre esterco”. Sendo o fogo de madeira ou carvão (fonte natural) simbólico do poder do Espírito Santo (Obreiro Evangélico, pp. 22-23; Atos 2:3), então o fogo de esterco (fonte não natural e imunda) deve ser simbólico de um poder estranho ao Espírito Santo: especificamente, Satanás inspirando o agente humano a se envolver em interpretações “particulares” das Escrituras — algo impuro.

A inescapabilidade dessa conclusão é ainda mais plenamente demonstrada ao tabularmos os períodos sucessivos durante os quais a casa de Israel recebeu as seis doutrinas, simbolizadas pelos seis grãos diferentes, que sustentariam a vida espiritual do povo ao longo dos 390 anos.

É amplamente reconhecido que, durante o período que vai da canonização das Escrituras do Novo Testamento ao chamado de Martinho Lutero, a Verdade foi lançada ao chão (Daniel 8:12) e que então começou a ser resgatada, primeiro pela pregação da doutrina da Fé pelos luteranos — o início da Reforma; depois, gradualmente, pelos presbiterianos, que pregaram a doutrina do Espírito Santo; pelos metodistas, que pregaram a doutrina da Graça; pelos batistas do primeiro dia, que pregaram a doutrina do Batismo; pelos adventistas do primeiro dia, que pregaram a doutrina dos 2300 dias (Daniel 8:14), levando a uma compreensão correta da verdade do Santuário; e pelos batistas do sétimo dia, que pregaram a verdade do sábado. Finalmente, os adventistas do sétimo dia, e somente eles, abraçaram todas essas doutrinas, mas divinamente iluminados.

Essas seis doutrinas, juntamente com seus temas inter-relacionados, são as únicas que chegaram à igreja entre 1500 e 1930. E como nenhum estudante honesto da Bíblia negaria o fato de que cada uma delas foi, por sua vez, deturpada por interpretações, acréscimos e subtrações particulares do homem (cozida em fogo de esterco), torna-se ainda mais evidente que os seis grãos são simbólicos dessas seis doutrinas e que elas têm sido pregadas sucessivamente desde o início da Reforma Protestante.

Agora, ao destacar outro aspecto do analogismo — que cada grão possui a característica primordial da doutrina que representa — a verdade será vista com ainda mais brilho.

Assim como o trigo, o primeiro dos grãos no simbolismo, é o primeiro na ordem da dieta física do homem, a Fé, a primeira das doutrinas na Reforma, é o primeiro prato, o primeiro princípio, em sua dieta espiritual. Consequentemente, assim como sem trigo é impossível satisfazer nossas necessidades físicas, da mesma forma “sem fé é impossível agradar” ao Santo ou começar a vida cristã.

Da mesma forma que a cevada, o segundo grão no simbolismo, é o segundo na ordem da dieta física do homem, o Espírito Santo, a segunda doutrina na Reforma, é o segundo prato, o segundo princípio, em sua dieta espiritual. Ao ouvir o midianita relatar que em um sonho viu um bolo de cevada rolar para dentro de sua tenda e virá-la, Gideão imediatamente compreendeu que o bolo de cevada simbolizava a obra do Espírito — uma revelação para ele se opor aos midianitas.

O feijão, a terceira variedade no simbolismo, é o terceiro item na dieta física do homem; da mesma forma, a Graça, a terceira doutrina da Reforma, é o terceiro prato, o terceiro princípio, em sua dieta espiritual.

E assim como as lentilhas, o quarto alimento na dieta física do homem, não são tão universalmente apreciadas quanto os feijões, da mesma forma o Batismo por Imersão, a quarta doutrina da Reforma, e portanto o quarto prato, o quarto princípio, na dieta espiritual, é menos comumente estimado e praticado do que a Graça.

O quinto grão, o milho-miúdo, não é comumente conhecido nem usado, e geralmente é considerado de pouco valor, meramente uma gramínea selvagem, embora na verdade seja valioso tanto para feno quanto para cereais. O mesmo ocorre com aquilo que ele representa: os 2300 dias, que revelam o início do Juízo, a quinta doutrina da Reforma, o quinto prato, o quinto princípio na dieta espiritual do cristão, é conhecido e crido por poucos.

A espelta, o sexto dos grãos, “uma variedade permanente de trigo, comum nos tempos antigos”, representa perfeitamente a sexta doutrina da Reforma, o sexto princípio da religião cristã — o sábado do sétimo dia em conexão com o santuário, a mais antiga, permanente e menos observada das doutrinas bíblicas.

O passo final na ciência de fazer bolos é assá-los, depois servi-los; e o passo final na preparação das doutrinas é escrevê-las, depois pregá-las.

Embora os grãos sejam criação de Deus, demonstrando que as respectivas doutrinas que representam são em si mesmas verdades divinas, a visão de Ezequiel assando os bolos simbólicos sobre fogo de esterco mostra que essas doutrinas foram profanadas — mal interpretadas, acrescentadas e subtraídas — trituradas, por assim dizer, e então servidas.

Ao submeter a casa de Israel a tal subsistência durante os 390 anos, e a casa de Judá a um jejum durante os 40 anos subsequentes, Deus puniu ambas por sua iniquidade.

Terminado o longo jejum de Judá, eles começariam, naturalmente, a receber pão puro, a verdade pura, tão rápida e abundantemente quanto suas necessidades exigissem, e dali em diante comeriam e beberiam água para sempre, sem medida e sem espanto. Isso eles experimentarão, mas somente após o término dos 430 anos, tempo em que a cidade será tomada e o povo libertado do jugo de todos os seus senhores — os hipócritas, os alienados e os ímpios.

E finalmente, quando Jerusalém, sua pátria, a terra prometida, for libertada do domínio gentio, “os tempos dos gentios se completarão”, então esses filhos libertos da “filha cativa de Sião” (Isaías 52:2) “voltarão e buscarão o Senhor, seu Deus, e Davi, seu rei, e temerão o Senhor e a sua bondade” (Oséias 3:5). Então, terão para sempre a certeza de uma provisão ainda mais abundante da Verdade pura e imaculada (Inspirada).

“E Eu salvarei o Meu rebanho”, diz o Senhor, “e eles não serão mais presa; e julgarei entre vaca e vaca. E porei sobre eles um só pastor, e ele os apascentará, o Meu servo Davi; ele os apascentará, e ele lhes será o pastor. E Eu, o Senhor, serei o seu Deus, e o Meu servo Davi, príncipe no meio deles; Eu, o Senhor, o disse.” Ezequiel 34:22-24.

O fato de o povo de Deus, desde 1930, estar recebendo um suprimento cada vez maior da verdade pura (divinamente revelada) das mãos de um só, é evidência em si mesma de que não apenas o alimento imundo e os 390 anos terminaram, mas também o jejum de 40 anos. Portanto, não há mais necessidade de ninguém subsistir com bolos assados em esterco ou jejuar.

Agora, subtraindo 430 anos de 1930 d.C., obtemos 1500 d.C., o tempo em que o Espírito Santo agiu para efetuar a Reforma Protestante. E como os grãos contaminados (doutrinas) foram distribuídos às congregações protestantes durante 390 anos, e como o jejum de 40 anos (ausência da Verdade progressiva) ocorreu na denominação Adventista do Sétimo Dia, duas verdades se destacam claramente: primeiro, que os protestantes são, neste simbolismo, chamados de “casa de Israel”; e segundo, que os adventistas do sétimo dia são chamados de “casa de Judá”. Assim, a divisão que Deus trouxe ao reino de Salomão simboliza necessariamente a divisão que existe entre os que guardam o sábado e os que guardam o domingo.

Escutem o mensageiro do Senhor, que adverte os observadores do sábado sobre o jejum prolongado que deveriam cumprir: -SRP 86.1

“Estou autorizada por Deus a dizer-lhes que nenhum outro raio de luz dos Testemunhos brilhará em seu caminho até que vocês façam uso prático da luz já dada.” — Testemunhos, Vol. 2, p. 606.

Além disso, convém lembrar que Jerusalém é a capital de Judá. Portanto, o atual cerco contra a “cidade” (a denominação Adventista do Sétimo Dia) deve ser um sinal para os que guardam o domingo; isto é, visa despertá-los para a compreensão de como o Senhor deve ser adorado e onde se encontra a verdade salvadora; para o início do “grande e terrível dia do Senhor” e do Seu julgamento, e também para levá-los a compreender que, se tudo começa “pela casa de Deus”, então “qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?” 1 Pedro 4:17.

Agora, o fiel buscador da verdade não precisa mais vagar de igreja em igreja, tateando no meio da densa e interminável floresta da literatura religiosa mundial em busca da igreja certa com a doutrina certa. Ambas agora estão claramente identificadas, desafiando aquele que carrega os vasos do Senhor a ser puro, a não tocar naquilo que foi cozido em fogo de “esterco” — naquilo que não foi inspirado pelo Espírito da Verdade — e a estar sempre atento ao fato de que nenhuma verdade recém-revelada foi dada à igreja durante os quarenta anos entre 1890 e 1930, e que, portanto, toda alegação de ter recebido uma mensagem celestial durante esse período era falsa.

Mas, tendo o longo jejum sido agora quebrado com a verdade fresca, abundante e não contaminada pela sabedoria humana, os famintos estão se alimentando à mesa farta da Vara (Miquéias 7:14), à qual você, caro leitor, agora se senta e é alegremente convidado a permanecer para o restante do banquete.

Você não fará isso? Se quiser, basta nos informar, e todo o banquete abundante, incomparável e que salva vidas será colocado diante de você rapidamente, sem medida e sem preço.

Tendo agora chegado de fato ao tempo de um “reavivamento e reforma” duradouros —

MÃES, FAÇAM AGORA SEU APELO FINAL.

Pela Senhora E. Hermanson

“Mas, se aquele servo mau disser no seu coração: ‘O meu Senhor tarda em vir’, e começar a espancar os seus conservos, e a comer e beber com os bêbados, virá o Senhor daquele servo num dia em que ele não o espera e numa hora em que ele não sabe, e o castigará severamente, e lhe dará a sua parte com os hipócritas.” Mateus 24:48-51.

A inspiração ensina que comer e beber com os embriagados não significa apenas beber vinho. Alguém pode se embriagar participando do espírito do mundo e também se deixando absorver pelas “preocupações desta vida”. Lucas 21:34.

E fazer tudo isso é dizer no coração: “Meu Senhor tarda em vir”. “Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos.” Mateus 24:48; Isaías 22:13.

Como membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia e mãe de três filhos, minha determinação tem sido educá-los para que fixem seus afetos não nos caminhos do mundo, mas no Caminho da Verdade e da Justiça. Mães fiéis sabem que essa tarefa e responsabilidade não são leves nem fáceis. E isso não é de forma alguma diminuído pelas influências mundanas dentro da igreja, que trabalham para construir uma concepção falaciosa do que Deus espera de Seus filhos.

Atividades como as listadas nos seguintes comunicados, emitidos pela Igreja Adventista do Sétimo Dia da White Memorial de Los Angeles, Califórnia, são exemplos dessa influência:

NOTÍCIAS DA ASSOCIAÇÃO

O Encontro Interescolar de Natação entre Professores e Ex-alunos:... O grande destaque da noite foi uma demonstração de saltos ornamentais de Georgia Coleman, campeã nacional feminina de saltos ornamentais.

Jantar de Novembro: Este promete ser mais um evento imperdível. Um trio e uma leitora do Coral Feminino da USC serão as grandes atrações. Bill Hunter, Diretor de Atletismo da USC, fará uma breve palestra sobre espírito esportivo. Garanta já seus ingressos.

PRÓXIMOS EVENTOS

24 de novembro: Clube do Jantar.

25 de novembro: Jogo de beisebol entre juniores e funcionários.

28 de novembro: Torneio de golfe Match Play no Montebello Park.

2 de dezembro: Jogo de beisebol entre professores e funcionários.

9 de dezembro: Jogo de beisebol entre professores e alunos do terceiro ano, às 19h.

9 de dezembro: 1ª equipe de funcionários x 2ª equipe de funcionários, 17h.

16 de dezembro: Jogo de beisebol entre veteranos e juniores.

21 a 26 de dezembro: Festa de Natal na Cabana, Lago Big Bear.

NOTÍCIAS DA ASSOCIAÇÃO:

Torneio de Golfe Interescolar e de Equipes Docentes: Sexta-feira de manhã, 28 de novembro, no Montebello Park Golf Club... -SRP 89.2

O jogo de beisebol entre professores e alunos veteranos na última terça-feira terminou com um placar de 3 a 13. Isso, no entanto, não representa adequadamente a proximidade do confronto em comparação com partidas anteriores. Mais alguns jogos e os professores estarão em boa forma, contanto que H____ S____ e W____ não batam muitos home runs. H____ detém o recorde até agora... — “Boletim Semanal”, 14 e 21 de novembro de 1930. -SRP 89.3

À luz da clara advertência de Inspiração, tais programas não têm lugar em nossas instituições se quisermos despertar o interesse de nossas crianças e jovens nos ensinamentos claros e objetivos de nosso Salvador. Pensem bem: ministros e professores adventistas do sétimo dia que patrocinam programas como esses... As mentes jovens não se inclinam naturalmente para o lado sério da vida, e com as inúmeras datas e eventos que lhes são constantemente apresentados dessa maneira, como se pode esperar que se interessem em se esforçar para entrar pela porta estreita?

Tratando do assunto dos divertimentos, a serva do Senhor diz: “Meu Guia me disse: ‘Olhai e vede a idolatria do Meu povo, a quem tenho falado, levantando-se cedo e expondo-se aos seus perigos. Eu esperava que eles produzissem frutos.’ Havia alguns que se esforçavam para dominar, cada um tentando superar o outro na velocidade de suas bicicletas. Havia um espírito de contenda e disputa entre eles sobre qual deveria ser o maior. O espírito era semelhante ao que se manifestava nos jogos de beisebol no campo da faculdade. Disse meu Guia: ‘Essas coisas são uma ofensa a Deus. Almas próximas e distantes estão perecendo pelo pão da vida e pela água da salvação.’” — Testemunhos, vol. 8, p. 52.

Por que levar os jovens à YMCA? A palestra sobre saúde não poderia ser dada em nossos próprios auditórios de igrejas ou escolas?

Por que um torneio do Clube de Golfe numa sexta-feira de manhã? Não nos é dito nas Escrituras que a sexta-feira é o dia de preparação para o sábado, e não um dia de lazer? Via de regra, se alguém se prepara adequadamente, não há muito tempo a perder jogando.

Pode não haver objeção à natação, mas que efeito terá uma demonstração de habilidade atlética de campeões e um discurso sobre "espírito esportivo" sobre os jovens? Criará neles um desejo maior de servir a Cristo? O que é o joio em meio ao trigo?

Como nós, mães, podemos manter nossos filhos afastados do mundo se o corpo docente da escola os leva para instituições seculares onde são expostos a uma mistura de influências? Estamos seguindo os princípios sobre os quais nossa denominação Adventista do Sétimo Dia foi fundada?

O Espírito da Verdade exorta novamente: “Pois v s sois o templo do Deus vivo, como Deus disse: Habitarei neles e entre eles andarei; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Portanto, sa  do meio deles e separai-vos, diz o Senhor.” 2 Coríntios 6:16, 17.

O fato de as condições não terem melhorado mesmo após o protesto inicial da Vara é comprovado pelo seguinte boletim mais recente:

HORA DO AMADOR

O ESPETÁCULO MAIS ESTUPENDO

de

1 9 4 3

PAULSON HALL

COR. Michigan, Estado

SÁBADO   NOITE, 9 DE OUTUBRO, 20H

Mais de US\$ 50,00 serão distribuídos aos vencedores.

DUAS HORAS DE—RISOS!!! LÁGRIMAS!!! ARREPIOS!!! GRITOS!!! e SURPRESAS!!!

A Clínica será beneficiada com a renda deste evento de gala.

Patrocinado porAUXILIAR FEMININO DA CME

Imaginem usar a casa de Deus para fins tão pagãos.

“Quem pode dizer sinceramente: ‘Nosso ouro foi provado no fogo; nossas vestes estão imaculadas pelo mundo’? Vi nosso Instrutor apontando para as vestes da chamada retidão. Despojando-as, Ele expôs a impureza que estava por baixo. Então Ele me disse: ‘Você não vê como eles, pretensiosamente, encobriram sua impureza e corrupção de caráter? Como a cidade fiel se tornou uma prostituta? A casa de Meu Pai se tornou uma casa de comércio, um lugar de onde a presença e a glória divinas se foram. Por isso há fraqueza e falta força.’” — Testemunhos, vol. 8, p. 250.

Por essa razão, talvez tanto quanto por qualquer outra, a igreja precisa da mensagem da Verdadeira Testemunha, que sozinha pode nos inspirar e capacitar a nos levantarmos em oração e jejum para salvar a nós mesmos e aos nossos filhos desses supostos prazeres desta época, pelos quais o Diabo procura enganar e destruir até mesmo os eleitos.

Grande é o peso em meu coração para que todo adventista do sétimo dia fiel ouça a Voz que agora clama em nosso meio: “Converta o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais.” (Malaquias 4:6).

E como os líderes falharam, mesmo após este severo protesto, em corrigir os males existentes, é hora de os fiéis leigos despertarem completamente para a gravidade da situação e fazerem o que puderem para remediá-la.

Os irmãos precisam de esclarecimento sobre o assunto, e o Senhor garantiu que “mesmo que todos os nossos líderes rejeitem a luz e a verdade, essa porta permanecerá aberta. O Senhor levantará homens que transmitirão ao povo a mensagem para este tempo.” — Testemunhos para Ministros, p. 107.

Pais, por que não serem esses homens? E se vocês não começarem agora, estejam avisados de que um momento mais "conveniente" jamais chegará, e que a oportunidade de vocês terá desaparecido para sempre.

UM LEMBRETE

Agora que você terminou de ler e estudar o conteúdo deste livreto, gostaríamos de lembrá-lo, caro leitor, que este e todos os outros livretos da série *A Vara do Pastor* são enviados gratuitamente aos adventistas do sétimo dia, e que, se você nos enviar os nomes e endereços de quantos desejarem, os editores terão prazer e rapidez em entregar-lhes a mensagem do momento.

Você também ficará interessado em saber que uma edição de bolso da Vara do Pastor, Vol. 2, será lançada em breve. Não deixe de encomendar o seu exemplar; você não pode ficar sem ele.

(Nesta tradução para o português, todas as citações da Bíblia e do Espírito de Profecia são traduzidas diretamente das obras originais em inglês)



Uma mensagem urgente para o povo Adventista do Sétimo Dia



Para receber mais materiais entre em contato:

 (47) 9 9963-3008

 (75) 9 9994-2326

 (91) 9 9388-3181

